

SE
UMA CASA
TOMBAR
NO MEIO DA
CIDADE



coletivo escrivanhina

SE
UMA CASA
TOMBAR
NO MEIO DA
CIDADE

coletivo escrivantina

Coordenação: Breno Aurélio

Organizadores: Breno Aurélio, Douglas Scaramussa, Maria Célia, Mariana Hetti

Revisão: Breno Aurélio, Douglas Scaramussa, Maria Célia, Mariana Hetti

Diagramação: Lia Petrelli

Capa e ilustrações: Lia Petrelli, Malu Teodoro

Autores: André Tourinho, Antônio Alvarenga, Carol Sanches, Breno Aurélio, Douglas Scaramussa, Fátima Salomé, Giovanna Vadô, Guta Chaves, Heitor Zen, Herta Pidner, Ingrid Borba, Jackeline Scarpelli, Julia Aranha, Letícia Ávila, Lia Petrelli, Mariana Hetti, Maria Célia, Maria Caram, Malu Teodoro, Pablo Kaschner, Scyomara Petrelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Se uma casa tombar no meio da cidade
[livro eletrônico] / organização Breno
Aurélio...[et al.] ; coordenação Breno Aurélio ;
ilustração Lia Petrelli , Malu Teodoro. --
1. ed. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-72105-8

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas
brasileiras - Coletâneas I. Aurélio, Breno. II.
Aurélio, Breno. III. Petrelli, Lia. IV. Teodoro,
Malu.

23-160340

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Se o senhor não está lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício alto
Era uma casa velha
Um palacete abandonado*

Adoniran Barbosa, *Saudosa Maloca*

Sumário

Prefácio <i>Bernardo Galegale</i>	8
PARTE I	
Crônica de uma existência desencarnada <i>Herta Pidner</i>	12
Te escrevo a mão, mas te consumo pelos olhos <i>Lia Petrelli</i>	16
Mestre de obras <i>Douglas Scaramussa</i>	19
Terra prometida <i>Giovanna Vadô</i>	24
Ruínas da Capuano <i>Guta Chaves</i>	26
O corpo partido <i>Carol Sanches</i>	32
Pardal <i>Fátima Salomé</i>	35
PARTE II	
Os artificios de GPT <i>Pablo Kaschner</i>	41
Fui na Itororó beber água e não achei <i>Julia Aranha</i>	48
Maira <i>Scyomara Petrelli</i>	53
Flagelação às avessas <i>André Tourinho</i>	56
Coadjuvante <i>Leticia Ávila</i>	61

A queda <i>Ingrid Borba</i>	65
Pular da ponte <i>Maria Caram</i>	69
PARTE III	
Era uma vista tão bela <i>Maria Célia Dantas</i>	74
Talhada <i>Mariana Hetti</i>	77
O sonho parede <i>Jackeline Scarpelli</i>	82
Itororó, 2067 <i>Heitor Zen</i>	86
Escultor de ruína <i>Breno Aurélio</i>	90
Sua ruína <i>Antônio Alvarenga</i>	96
Vimos do feto <i>Malu Teodoro</i>	99
Sobre os autores	100
Sobre o Coletivo Escrivantina	104

SINOPSE

O Coletivo Escrivanhinha, em parceria com o Centro Cultural Vila Itororó, enveredou-se por ruínas: escombros que compõem o mosaico urbano em que vivemos, exceções na paisagem da cidade que, por isso mesmo, se destacam, inspiram curiosidades e emendam nossos arredores. Não há como se desvincular da matéria. Por meio da arte de contar, o que os olhos enxergam abala o que o coração sente e leva à derrocada daquilo que a razão ensina. ***Se uma casa tombar no meio da cidade*** faz das ruínas ficção, retratando a geografia do passado na história dos traçados humanos. Relatos curtos se arruinam, partindo da **Vila Itororó** como um cenário dialético de abandono, transformação, resgate e permanência.

Prefácio

por Bernardo Galeale

Um ato criativo sempre parte de algo. Algo abstrato, concreto, sensorial, onírico, racional, seja ele uma vontade, um desejo... parte do tudo, do nada, ou de qualquer coisa. Mas algo. Ou seja, não se trata de uma “geração espontânea” – como na teoria ultrapassada do surgimento da vida –, mesmo que se dê de repente, de forma inexplicável. Se for assim, então a espontaneidade do ato criativo acontece na **escolha**, consciente ou inconsciente. Aproveita-se, sempre, uma oportunidade dentro do infinito.

O Coletivo Escrivantina, formado por 33 escritores de todo o país, selecionou para esta sua terceira publicação um ponto de partida em comum para todos os seus textos: a memória e sua relação com a cidade. Mais especificamente, a Vila Itororó, um local transbordado de passado e reconhecido como patrimônio histórico, hoje um pujante centro cultural público.

Se considerarmos o tempo presente enquanto movimento, podemos inferir que o passado pode ser uma busca pelos instantes estáticos desmaterializados, que emergem frequentemente dos registros (ou resquícios) materiais, e que por sua vez só ganham sentido através de uma ação de reflexão sobre eles. O encontro entre este processo e a criatividade literária dos artistas que

aqui assinam, resultou em narrativas totalmente diversas entre si, porém igualmente interessantes: das lembranças de uma deusa de pedra incrustada num imóvel à violência doméstica, da história de vida de um trabalhador comum à provocação irônica sobre a Inteligência Artificial, do tombar de um monumento a um proposital incêndio por justiça... Um infinito de oportunidades, pinçadas com delicadeza, mas entalhadas com a força necessária que só as mentes jovens possuem.

A subjetividade por trás de cada um destes textos não só aguça a curiosidade sobre a permanência da Vila Itooró no tempo, mas demonstra eficazmente o enorme potencial que temos para recriar as formas de conceber os sentidos à nossa própria existência. “Nossa”, porque a existência é, per si, algo coletivo. Do ponto de vista da gestão cultural, incentivar a materialidade do que lerão a seguir é reconhecer a importância da criatividade e dos processos artísticos na essência das políticas públicas de cultura. Faz toda a diferença. Que o movimento continue. Aproveitem :)

Bernardo Galeale é Coordenador Geral dos Centros Culturais e Teatros da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e Mestre em Informação e Cultura pela ECA-USP.



PARTE I



Crônica de uma *existência* desencarnada

Herta Pidner

29 de agosto de 1924. Estava eu até resignada com tanta desonra quando entreouvi a sentença. Foi assinado o contrato de demolição do Teatro São José. Senti alívio e desespero. Desde a inauguração do Municipal, o arfar das sedas, os suspiros das damas, a solenidade dos senhores foram se arrefecendo. E em lugar de perfumes de magnólia e sândalo, os cheiros de mofo e bolor anunciavam novos tempos. E eu não tinha a menor ideia do que ia acontecer comigo.

Nossos corredores passaram a conduzir, dia e noite, outra espécie de personagens. Aconteceu que, para compensar os prejuízos com temporadas medíocres e reduzidas bilheterias, o proprietário foi alugando alguns espaços. Que foram sendo ocupados por lojas, oficinas, inquilinos e até mesmo utilizados para encontros furtivos sob a administração da famosa Madame Bravslaviska. Quem dera pudesse eu esquecer aqueles 10 anos!

O certo é que esplendores e glórias que transbordavam daquela casa de espetáculo duraram apenas um ano. É natural, portanto, que minhas lembranças se concentrem em 1911, quando os 3000 lugares, distribuídos em camarotes, frisas, balcões e plateias, eram muito disputados por um público sequioso pela temporada de

dezoito óperas que se sucederam neste curto espaço de tempo. E o que mais me deixa furiosa é o fato de que tanto nosso apogeu quanto nosso declínio coincidiram com a abertura daquele outro teatro. Daquela ridícula imitação do Ópera de Paris. Por isso tudo, trago esse rival entalado na garganta.

Ante tanta decepção, entrei num estado letárgico que anestesiou um pouco as agruras da vida. No entanto, a notícia da demolição e a possibilidade de ser reconvertida, por exemplo, em ornamento de algum palacete de granfino, trouxe esperanças. E logo, estávamos todos removidos, antes que o teatro fosse transformado em um monte de entulho.

No meio da hecatombe fui resgatada por quatro braços musculosos que me jogaram numa carroça puxada por mulas. E antes que me recuperasse do impacto, atiraram em cima de mim um senhor pertencente à minha espécie. Tive a impressão que ele era meu vizinho no teatro. Fui tomada por uma excitação desconhecida. Pude perceber a excitação dele também. Mas tudo foi muito passageiro.

Depois de muitos trancos, barrancos, aclives e declives a carroça parou em nosso destino. Em pleno canteiro de obras que servia de apoio para transfigurar em construções as excentricidades de Francisco de Castro.

Fomos todos – eu, aquele senhor, três volutas e dois capitéis – retirados da carroça. E me deixaram de bruços com rosto e seios pendurados numa fonte. Fiquei surpresa com a imagem no espelho d'água. Quando

ainda na época das temporadas líricas, os olhares de admiração que deslizavam em busca do meu rosto me fizeram imaginar que eu era muito mais bonita. Esperava que os meus traços fossem delicados, ou ainda que meu nariz fosse mais grego. Já os meus seios me agradaram bastante.

Coube ao senhor Castro em pessoa examinar criteriosamente todos os ornamentos removidos de nosso teatro e decidir onde e quando seríamos incorporados ao seu palacete. Sem hesitar, selecionou a estátua de uma mulher que segurava dois cachos de uva para um lugar de honra na entrada do pátio. E com muita determinação, foi definindo o destino de todos, enquanto um rapaz anotava suas ordens. Eu e aquele senhor que fazia par comigo fomos designados para a sala de jantar.

Desde o primeiro instante, fiquei fascinada pelo senhor Castro. Era muito seguro, cordial e transpirava sucesso. Usava naquele primeiro dia um terno de linho bege e um chapéu panamá. Tinha um sotaque encantador. E às vezes sibilava que nem um carioca, o que lhe conferia bastante charme. Vivia rodeado por muitas mulheres, não só de outras tantas desencarnadas como eu, mas, sobretudo por mulheres de carne e osso. Tagarelavam e gargalhavam muito, afogueadas por garrafas e mais garrafas de vinho e champagne que subiam do segundo andar. E como ele sabia prodigalizar agrados, mimos, elogios. Convivíamos em harmonia.

No entanto, com o tempo, comecei a sofrer. Queria mais, muito mais, e cheguei até delirar com a exclu-

sividade. Já que ele era muito perspicaz, passou a me visitar várias vezes por dia. A me contemplar longamente como se eu fosse uma deusa. A certeza de que definitivamente ele estava enrabiado por mim me acalmou.

Até que um dia, uma daquelas mulheres com chapéus e roupas espalhafatosas fez um comentário mordaz a meu respeito. Disse, com sua voz esganiçada, que minha presença oprimia a sala de jantar. Mesmo não entendendo muito bem o que ela queria dizer, fiquei ofendida. E também admirada com que veemência o Sr. Castro saiu em minha defesa. Bradou para ela que eu era encantadora, um modelo de beleza e aristocracia. Disse ainda que era a sala de jantar que oprimia minha majestosa presença. A tal mulher se retirou de cabeça baixa. E ele, para arrematar, me olhou com ternura e cumplicidade, como se celebrasse comigo um pacto de amor.

Foram anos de convivência suave e respeitosa. Não ignorava suas escapadelas. Mas tinha certeza absoluta de que eu era o ser mais importante de sua vida. Nenhuma mulher na minha condição poderia aspirar, além disto.

Hoje, contemplo aqui do alto seu corpo sendo velado por uma multidão de amigos. E quando algumas lágrimas escorreram do meu rosto de mármore, percebi que estava entrando no reino da mortalidade.
5 de dezembro de 1932.

Te escrevo a mão, mas te *consumo* pelos olhos

Lia Petrelli

Sobrevivemos a ti quando a pontada de medo resiste, frente à mira do treis oitão. A ti, que andas com nuvens coladas pelo corpo, escondendo teus horrores. A ti, que amacia tua dureza se desfazendo em teus muros que nos sussurram segredos. A ti, que açoita as pessoas que dormem sob teus viadutos. Ao teu corpo, que é mapa dos meus destroços, estraçalhados pelos bairros. Permaneço, pois há a menina que conduz a mãe cega pelas calçadas, descrevendo a cor do sorvete de limão, saltitando, inquestionavelmente adaptada àquela pequena realidade que sobra.

Sórdida, azeda, suja e íngreme, te sigo como amante pelas ruas, suprimindo a inútil e intensa paisagem daqueles que amei, que amo, que amarei: assim como as melhores descrições de ti, nascidas das palavras de forasteiros, aqueles que não são recrutáveis do prazer de saber como fazer para te amar.

És um anjo, sim. Escutamos em teu calado asfalto a voz que insiste em dizer que aqui estamos. Lá no cinza concreto, no frio sujo da parede inquieta, te desvendamos: alguém comemora 34 anos de festa “*agora não morro mais*”, pixado entre as mensagens de Jesus que inundam a cidade, pregadas nos muros, por entre os arames farpados e cacos de vidro. O manto sacro, irrefutável, carrega os respingos do sangue derramado.

Pudera, claro, tens o nome do perseguidor. O soldado que executa tudo que a lei lhe ordena. Como tu, que ateia fogo em casas, que promove a matança descarrilhada, que bota crianças, mulheres e homens entre as ferrenhas grades de tuas crenças, só por causa de tua fé. Ó, rei dos judeus, que vê ouro, apenas ouro. Que cala aqueles que não concordam contigo. Que amordaça os tantos que, em segredo, te têm carinho.

Vigio os carros feito presa. Me inundo de sua crueldade. As gotas que correm frias entre teus fios já não me dizem nada. Estou enojada de ti. Tua citricidade já não passa de empecilho, e o veneno que emanas sobe aos poros dos que vivem correndo pelas tuas avenidas. É assim que nos tornamos tóxicos. É assim que a fumaça do cigarro invade nossos pulmões. Sim, é assim! Para viver aqui dentro é preciso podridão.

E por isso também as migalhas são aceitas: tuas noites frias pedem um corpo a mais, teu gélido ar clama por abraços sem paixão, dos esgotos ecoam conchas e divagação. Mas é também por isso que te mapeio, e tu a mim. Os mesmos descascos de prédios abandonados me condenam a sucumbir. Me corroem a loucura de sobreviver a ti.

Não vês que mais ninguém anda livremente sobre a terra macetada por dentro de tuas imundas calçadas? As solas pertencem agora a outros estados. Tuas esquinas não são nossas. Não são tuas. Não são minhas. São de memória. Quero saber mesmo é de qual vidro escuro me observas. Sei que gostas, como eu, do olhar fugitivo, o que lá longe reluz a pontinha de perversidade, que observa o além daqui: da fumaça e das tremendas rodopiadas de ti.

A vida é nua nessa cidade escura que só rema loucura, adentro então.

Teus moradores morrem congelados, não só pela falta do sol, pela solidão que cresce dentro da claustrofobia de teu concreto. O desespero lacina feito pompa, ciscando cada resto de amor que derramas sobre teus habitantes.

És ilusão, sim. Dois corpos se esbarram no meio do balcão virtual, as bocas se atropelam, e a contragosto, o caos acontece. Doze milhões de corpos bailam pelas ruínas, mas as bolhas de quinhentas pessoas passeiam toda semana em unísono.

Vês, não há espaço para amar. Todas as mãos seguram imensa cama de gato abaixo da praça da Sé, todas fingindo amizade, extenuando em puro ardor. São, São Paulo, meu amor, já tens milhares de descrições perfeitas, feitas por gentes de outras cidades. Aqui, por dentro de seus ossos, retalhamos, pouco mais calejados de sua frieza.

Debruço em beco úmido observando nascer mais uma paixão. Bastarão cinco dias para que tudo se derreta em fátua memória. Não há jogo: é só ninguém falar, que não tem desaforo. Hã. Ahã. Sim. Finjo acreditar. Perenes lambidas, isso o corpo carrega, mas é preciso ir embora. Nada sobrevive o concreto. Sem espaço para guardar matéria, as palmas se quebram, e os pés se vão, os corpos triturados. Bem, a gente se acostuma... Como é? Mas não deveria...?

São Paulo, novembro 2022

Mestre de obras

Douglas Scaramussa

Arrimo para a encosta da Rua Martiniano de Carvalho. Era pá furando o chão e terra alçada para cima. Um verão inteiro de chuva e lama. No fim, uma abertura nos baixos do Itororó para erguer a vila do português, um leve desgaste na clavícula e quarenta e cinco réis no bolso. Era esse o contrato e não tinha muita conversação. Uns encarregados recebiam quarenta e nem questionavam a diferença. Para a gente que nasceu de ventre escravizado, a usura dos outros sempre sovou desde menino. Mesmo assim, eu costumava ser quem primeiro descia a ribeira rumo ao canteiro e quem com mais tardança retornava ao cortiço do Pepe, um italiano que empreendeu no setor imobiliário em um terreno tomado do antigo quilombo Saracura. Eu dormia nos fundos onde o mofo se alastrava pela parede. Mas tinha acomodação própria, esteira e uma entrada de luz, de modo que o sol me despertasse ao trabalho, e, daí, para minha emancipação.

Construir a Vila Itororó era novidade para mim, mas eu me fingia de versado diante do engenheiro Pompêo. Este era um sujeito que sabia muito de rabisco e papel, mas que não rimava lé com cré na hora de dar instruções:

— E as colunas romanas irão tangenciar três paramentos do edifício a uma distância de dois metros das paredes com pala de arrasamento no penúltimo pavimento.

Disfarcei o aturdimento e observei com atenção a planta desembrulhada sobre dois cavaletes no meio da cratera. Precisei de uma confirmação:

— Então devemos levantar as colunas rente às paredes laterais e à retaguarda do prédio até o terceiro piso e elas vão dar conta de uma laje que vai amparar a cobertura?

Se envesgou para mim e disse:

— Exatamente, meu bom homem! Percebo bastante inteligência e compromisso. Vou sugerir ao português que te nomeie mestre de obras!

Aí descobri a promoção que a perguntação a Pompêo me galgou. Dez mil réis acrescidos ao fim de cada mês. Começaria a ajuntar. Mas caí em perdição: assim que pude, comprei um colchão desses que só conhecia quando mais jovem no meretrício da Líbero Badaró. Pepe desacreditou quando o carroceiro trouxe esse item de conforto. Nenhum inquilino tinha um daqueles. Dormi um sono tranquilo por alguns dias até que bateu à porta da acomodação o carcamano, com a notícia de que o aumento da procura fez subir o aluguel. Desconjurei. Respirei. Sustentei o golpe baixo para revidar à altura:

— Pepe, eu vejo alguns sufocos que os demais hóspedes passam aqui na sua casa de aluguel. O poço é de uma rasura que só se encontra água na época de chuva, as ratazanas brincam de pique no pátio, falta reboco nas paredes externas e ouvi dizer que onde tem mofo a gripe se espalha. O senhor não tem medo de que alguém solicite a inspetoria geral de higiene?

— *Ma ché?* — Embrutecido, esgueirou as narinas peludas em minha direção e seguiu atento ao meu raciocínio:

— Sabe que o português me nomeou mestre de obras do maior empreendimento que o Bixiga vai conhecer!? Posso contribuir também para melhorias em sua estalagem. Cheguemos a um acordo: o senhor não me aumenta o aluguel, eu faço os remendos necessários no cair das tardes e recebo os honorários também em caso de empreitadas aos domingos? *Capiche?*

Assim, conformei o italiano e, de quebra, pude faturar uma renda extra. Permaneci ali e vi os estrangeiros *arrivare*. Era um mundaréu de gente que se perdia em renques de casas geminadas no Bixiga e em vilas e cortiços para os lados do Brás, Bom Retiro e Barra Funda. Nessa levada, muitos dos meus partiram. Encontraram paragens além desses bairros. Eu fiquei sob a tutela de Pompêo tocando a obra que já se expandia para sobrados nas bandas do terreno. Os encarregados edificaram as paredes e enchiam lajes tramadas por antigos trilhos. Enquanto isso, eu aprumava cada degrau das escadas sobre as topografias mais inclinadas. O empreendimento arquitetado pelo português tornava-se igualmente sonho meu: o que minhas mãos obraram também me deveria ser de direito. Cortei o furdúncio dos fins de semana para sobrarem mais reservas. Um dia chegaria à quantia necessária para a quitação imediata de um casebre na ala mais modesta da vila.

Um pouco de ambição, um bocado de traquejo e um tanto de trabalho: o português me escalou para construir

um pavilhão de vidro que funcionou como garagem. A construção foi alteada sobre pilares para que alcançasse o nível da rua, ao lado do prédio principal. Através do vidro, todos os passantes poderiam ver exposta a pintacuda que o dono da vila usava para frequentar os círculos sociais da Avenida Paulista e, no retorno, desfilas seu senhorio pelo Bixiga. Abaixo do expositor, uma oficina de reparos e pinturas cujo acesso exclusivo me foi logrado com finalidade de guardar o ferramental das obras. Um voto de confiança para, aos poucos, me acamaradar do português e iniciar conversa sobre morar em sua vivenda.

Todo fim de tarde, ele se aprumava na varanda do último andar de seu casarão e, enquanto tomava chá, vistoriava meu trabalho no cabouco da piscina. Um dia, desceu ao pátio e se aproximou para checar a lisura do reboco das paredes internas:

— Essa massa é menos cascalhosa, certo?

— Sim senhor!?! Penerei a areia cinco vezes até que ficasse branquinha e sem nenhum pedregulho escuro que rasure o cimento.

— Ah, pois assim está bem! Continue. Não quero comprometer seu empenho! Há anos, Pompêo e eu confiamos em seu trabalho. Continue. O conjunto aquático vai ser inaugurado em breve, no lançamento das casas com as fachadas voltadas para a Rua Monsenhor Passaláqua.

— Pois, senhor! Gostaria de tratar sobre esse tema! Teria um momento!?

— Mas que fale, meu homem!

Larguei no chão a espátula, ergui meu tronco em posição de dignidade, tirei o chapéu e limpei o suor do rosto com o colarinho.

— Habito o cortiço do Pepe por esse tempo todo. Tenho visto o bairro mudar como nunca. Frente às tratativas de aumento do aluguel, faço negociações para que ele não tire de mim o que recolho desde quando isso aqui era um canteiro. Economizei bastante e receio que já tenho o suficiente para saldar uma casa desta nova ala. Haveria alguma disponível?

Um suspiro, uma reticência e o retorno à conversa.

— Infelizmente, já há um contratador de imigrantes interessado em todo esse setor.

— Mas senhor, vejo os anúncios de venda na calçada há semanas.

O proprietário da vila percorreu o chão com algum constrangimento e logo voltou-se ao funcionário.

— Bem observado. Vou pedir para que Pompêo os retire.

Eu, de dentro da piscina com argamassa por cobrir, mirei os olhos do português. Atrás, seu palacete de quatro andares com colunas romanas erguido por mim. Um céu rajado de vermelho opaco. Nenhum fio de voz. Me retirei da vila e do Bixiga. Nunca mais recuperei aquela espátula de reboco.

Terra *prometida*

Giovanna Vadô

*“(...) A cidade será reconstruída sobre as suas ruínas e o palácio no seu devido lugar...”
(Jeremias, 30:18)*

Esse lugar parece com o início, se o início fosse um lugar. Penso na vida como a poeira que se acumula nos cantos. Ali existe. Nas lâmpadas queimadas, embaixo do cano estourado, nos furos dos lençóis comidos pelas traças, ali existe. Um resquício, um grão, um suspiro do que poderia ser.

É ali que existe uma lembrança da luz acesa iluminando o corredor, onde as crianças correm segurando nas paredes e manchando com suas mãos sujas de brincar o dia inteiro na rua. É ali que existe um gole da água da chuva que poderia correr e cair no quintal sem deixar nenhuma planta chegar à cor amarela do mato que quebra o cinza da calçada. É ali, e só ali, que existe o frio já coberto pelo calor do lençol compartilhado.

Nas paredes vazias que foram erguidas para pendurar redes e fotos, a tinta já descasca mostrando a última cor de quem já esteve por ali. As camadas dos que sonharam aquele lugar vão se revelando em roxo, azul, verde. A mais profunda era verde musgo pra cobrir todas as outras cores, mas agora o verde já é castigado pela corrente de vento que se formou por conta da parede tombada.

Os que chegam espirram o pó desse lugar, espantam as aranhas de suas teias — pelo menos elas ousaram construir alguma coisa no abandono — levantam as tábuas e pedras para ver o que existe por baixo dos ossos cansados e frágeis. Sem o cal necessário, rangem os pés que pisam apressados em testar se vai ter jeito de sonhar.

Queria que o rangido os lembrasse das danças que já rodopiaram sobre o mesmo chão.

Quero que fiquem. Quero que voltem. O meu olhar favorito é o primeiro. É quando chegam e constroem na terra dos olhos o nosso futuro junto. Imaginam os móveis pintados, as crianças brincando, as plantas crescendo, os churrascos de final de semana, tiram os cupins, fecham aquele vazamento e pregam as tábuas soltas.

Eles tentam e eu os vejo tentar, limpam as telhas dos meus pensamentos antigos, deixam que caia a chuva de um ciclo hídrico que já conheço. Já experimentei o gosto dessa água, é a mesma que caiu no começo de tudo, só que agora um tanto mais ácida.

Mas já conheço os seus olhares e a tentativa de levantar na ruína uma morada. Já conheço o som da tentativa e o som das ferramentas sendo guardadas. Tenho a teimosia correndo por dentro da parede oca, podem ser os ratos também, mas a coceira da sujeira e da esperança se parecem tanto que espero de porta aberta por aquele que enxergue nas minhas rachaduras, as suas.

Ruínas da Capuano

Guta Chaves

Tentada a inalar aqueles aromas fumegantes à minha volta, uma derradeira vez, respirei fundo. Estávamos sentados à mesa número um da Capuano, a mesma que num dia, vindouro, me acomodaria como se fosse a primeira. Admirei as toalhas xadrez azul e branco puídas, as mesas de madeira rústica, as bandeirolas com as cores da Itália que pendiam do teto. O músico, em trajes típicos, entoava tarantelas em seu bandolim, completando o cenário que tocava ao coração, lembrando-me da minha era.

Crendo ser eu uma daquelas coquetes deslumbradas — a maioria delas estrangeiras com as quais meu acompanhante gostava de desfilas por aí —, o dono, Capuano, arrancou-me do meu deslumbre.

— *Buona notte*, senhor Francisco e senhora... Posso fazer o pedido? — indagou Capuano, torcendo o nariz para minhas calças compridas.

— Que tal um fusilli ao sugo e uma bracciola? — propus a Francisco.

— Não temos bracciola, senhora. Quem frequenta a casa sabe que servimos fusilli ao sugo, cabrito à caçadora e camarão, ensopados, com salada. Pode *cambiare*, se assim desejar, o cabrito pelo frango à caçadora, *sollo*.

Percebendo meu desajeito diante daquele italiano

corpulento, Francisco usou seu bom humor peculiar:

— Minha noiva é um charme, não é mesmo? Pode ser o de sempre, meu xará. A senhora aqui aprecia as especialidades da *buona cucina*.

— E para beber, português? Seu vinho predileto?

— Isso, meu caro, para completar seu banquete calabês, aquele Cirò Rosso, da casta Gaglioppo, em plena vivacidade, como eu.

Seu Capuano falou baixinho ao pé do ouvido do amigo.

— Você ainda vai me deixar numa situação difícil com minha *donna*, que por sorte está lá enfurnada na cozinha. ‘*Non voglio che tu parli* com o português, não é uma boa companhia’, me cutuca a Firula. *Devi pensare* que sua loucura é contagiosa.

E, após dar um tapinha nas costas do cliente, foi-se eriçado, em direção à cozinha.

— Meu amigo Francesco é temperamental, mas de muita garra. Esse lugar começou como um armazém de secos e molhados, em 1907, vendendo vinhos italianos. Em pouco mais de dez anos, por conta da clientela, a cantina virou um pequeno restaurante. Mas todos ainda falam: ‘vamos lá, na cantina dos Capuano’.

Em muitos momentos, cheguei a pensar que estava sonhando. Mas como diz o escritor francês Brillat-Savarin no clássico da gastronomia do século XIX, *Fisiologia do Gosto*, em sonhos não sentimos nem aroma, nem sabor. Levando em conta que meu olfato estava vívido, restava testar minhas papilas gustativas tão logo a mesa fosse

posta. O melhor era aproveitar cada gole da safra rara.

1922. Mais cedo, havia conhecido as dependências — cerca de trinta — do recém-erigido palacete de quatro andares de meu amigo Francisco. Obra cenográfica de um construtor que alguns chamavam de louco, uns de surrealista e, outros, de visionário. Na verdade, ele de tudo tinha um pouco. Impressionante observar as cariátides que ele trouxe do antigo Teatro São José, no Vale do Anhangabaú, sustentando as colunas da mansão. “Um danado esse Castro, ele é que sabe viver”, soprou um de seus vizinhos e inquilinos, ao passarmos pela vila que lhe dava o sustento.

Ao cair da tarde, tínhamos andado de bonde elétrico em plena comemoração do Centenário da Independência. Lá estavam homens de ternos, gravatas e chapéus em estilo palheta, mulheres em seus vestidos de cintura baixa, chapéus cloché e elegantes cabelos chanel. De quebra, passamos em frente ao Theatro Municipal e Castro fez questão de contar sobre os vanguardistas que inventaram naquele ano uma tal de “Semana de Arte Moderna”, misturando as tendências da Europa com a brasilidade. Vivenciar esse cotidiano de época era sublime.

Entre uma garfada e outra naquela mesa farta, harmonizada por bons goles do vinho calabrês, quis saber mais, pela própria voz do criador, Francisco de Castro, sobre a concepção do ousado projeto da Vila Itororó.

— Cada peça de demolição que garimpava, imaginava ser um pedaço da colcha de retalhos de minha quimera, erguida pedra sobre pedra.

— Sabe o que mais me impressiona em sua invenção?
— perguntei.

— Pois diga.

— Você quebrou o paradigma da elite se manter apartada do povo. Não foi morar na Paulista ou em Higienópolis, como é o caso das famílias dos Barões do Café.

Castro contou que se valeu, na concepção de sua obra, de objetos que fizeram a história de outros monumentos. Como uma “Pompéia moderna” cheia de memórias.

— Gosto tanto de garimpar peças quanto pessoas
— comentou.

— Bem se vê pelas inúmeras festas que já deu em sua casa.

— Você deve ser boa jornalista, pois sabes mais de mim do que quase eu mesmo — divertia-se — Está gostando da comida?

A pergunta me fez voltar à associação com o sonho, segundo Savarin. Sentia, agora, apetite e gosto. Caso ele estivesse certo, então era tudo real?

— A massa do fusilli, com o molho feito pela *mama* está de comer de joelhos e nunca provei um cabrito à caçadora igual.

— Os pratos saboreados em ocasiões especiais não guardam apenas o sabor do casamento entre seus ingredientes, mas se fundem às lembranças dos bons momentos compartilhados — ponderei.

Notei Francisco sentindo-se lisonjeado.

Queria muito contar ao meu novo amigo que a

Capuano inaugurara um gênero de restaurante que não existia em outra parte do mundo. Em qualquer localidade cantina seguiria sendo o lugar onde se guardava o vinho. Se pudesse, contaria-lhe o segredo futurista de que, depois de passar por várias gerações e até o seu fechamento definitivo, mais de cem anos depois, Capuano teria sido considerado o restaurante mais antigo da cidade em funcionamento. Mas eu não tinha este direito, estava ali de passagem.

Levantei-me plena, certa de que levaria na memória o gosto daquele fusilli enrolado manualmente, um a um, mergulhado em molho ao sugo cozido por horas, como fazem as boas *mamas*, servido pelo próprio Capuano.

No percurso rumo ao 269 da Martiniano de Carvalho, Francisco, um tanto alegre pelo vinho ingerido, contou-me com desenvoltura suas aventuras artísticas e boêmias.

— Bem, foi um prazer conhecê-lo e entrevistá-lo — despedi-me.

Ele acenou com o chapéu um até breve e entrou cambaleando pelo pátio central da “casa dos leões”.

Após sua partida, avistei a mesma figura desencarnada que eu havia seguido até ali, réplica mais envelhecida de Castro. Esgueirou-se pela entrada da vila, eu o segui, como mais cedo, até o pilar da cariátide.

Tive de tomar coragem para me dirigir àquela presença fluída.

— Nos encontraremos novamente?

— Minha cara, os buracos de minhoca são uma

surpresa no contínuo espaço-tempo. Linearidade é uma ilusão — sua voz saía suave, num rosto que quase não se via por debaixo do chapéu.

Antes que eu me virasse e seguisse pelo túnel, ele disse:

— Como transformar ruínas em memórias? Pense nisso. Talvez essa seja nossa missão.

— Por que ainda continua por aqui? — arrisquei.

— Minha obra está inacabada.

Nem deu tempo de mais porquês.

De volta, ouvi uma voz distante, me chamando: “Guta, onde você está? Vamos começar o sarau!” — era Carol. Olhei para a direita e um homem magro e elegante, de terno claro e chapéu caminhava em direção às ruínas da mansão.

O corpo partido

Carol Sanches

Tinha quinze anos quando acordou com luzes vermelhas girando no canto dos olhos, e teve que piscar, algumas vezes, para desembaçar os sentidos. Mexeu com desconfiança as retinas — em tudo havia aquele mesmo aspecto ondulado de bafo quente saído do asfalto. Parecia estar metido num colorbar televisivo, logo após a Sessão Coruja, quando se deu conta de que começava a assistir às memórias mais antigas passando em FF. Quis dar stop, não podia. Ah, meu Deus, eles tinham razão, é assim que acontece quando se está morrendo. Ai, meu Deus, espera. Tô morrendo?

Foi interrompido por vários borrões que se aproximavam.

— Ele tá vivo!

Ouviu com dificuldade. As vozes não achavam o caminho para os ouvidos na mesma velocidade que o som. Lembrou-se quando, ainda pequeno, foi diagnosticado com uma trompa de eustáquio demasiado estreita. Cresceu ouvindo que qualquer alteração de temperatura e pressão poderia reduzir sua capacidade auditiva. Que diria tal doutor se o visse esmagado por um imenso bloco arenoso do casarão da Vila Itororó, despregado da coluna de seis metros? Sempre cuidou para manter essas duas qualidades, temperatura e pressão, sob controle. Agora,

tudo naquele meio-corpo parecia derretido às bordas.

Percebeu quando aos homens foi instruído levantar a pedra. E então, com cuidado, sentiu a pele descolar do meio-fio, parte rosto, parte chão. Nada pôde fazer com as costelas, enquanto craquelavam entre passadas flutuantes, a não ser rodar os olhos às voltas num urro de dor, aparentemente inaudível. Tentou mais um: ninguém ouvia. Enfiaram, por fim, sua pilha de ossos na ambulância, máscara de oxigênio no rosto e partiram aos gritos de urgência. Deste evento ao próximo, para Tiago, foi um piscar de olhos. Para o resto do mundo, vinte anos, cinco dias, treze horas e um minuto.

*

Voltou num 12 de junho, o quarto iluminado como se numa cena de interrogatório, a junta de jalecos brancos em cima dele, numa expressão de assepsia unânime.

— Estamos em 2006. Hoje é dia 12 de junho de 2006, Tiago.

Um médico se descolou do bloco higienista com a piadinha de que foi acordar justo no Dia dos Namorados. E que estava na flor da idade, no auge dos 35 anos, em um tempo propício para achar a felicidade, mesmo na condição de meio-corpo em que se encontrava. Dispararam-lhe jornais, tablóides, revistas. Ligaram a TV. Falaram sobre a última grande invenção, chamada Google. “Ninguém mais morre de tédio”, continuaram, e “até a programação da TV agora é 24 horas”. Havia computadores, internet e um milagre chamado Orkut, feito para resgatar amigos perdidos; os telefones agora

eram móveis, do tamanho de um bolso, “veja o meu”, “olha o meu”, “e o meu, olha só, último lançamento!”, e concluíram: “os orelhões serão extintos”. Hahaha. Riam enquanto se olhavam, cúmplices em disparates. Difíceis de acreditar.

Tiago, não. Acordou dizendo que viveu uma vida inteira do outro lado. Fez amigos, dançou como nunca, teve filhas com sua alma gêmea e, para sua desgraça, encontrava-se agora em reprise, enfiado nessa matéria mole, sem movimento de sexo, pernas e pés, de volta a uma dimensão completamente estreita para um ser de longa alma, já acostumado à leveza absoluta de um não-corpo. Lembrou-se do antigo otorrinolaringologista e só conseguia pensar em uma palavra: “estrito”. Implorou-lhes que o colocassem para dormir novamente, aquilo era um pesadelo, a alma pode ficar preocupada. Deixei Deus aceso. As nuvens ficaram abertas. Não terminei as cinco combucaieras dejovins. Preciso voltar, por favor, me deixem voltar para a minha ponomô goiendlah, nueo, nueo. Contou-lhes todas as histórias com expressões de nem lá nem cá, tudo o que viveu num piscar de olhos. Difíceis de acreditar.

Pardal

Fátima Salomé

Quando ela quiser, há de se recordar do momento onde toda a luz desapareceu.

Fim dos dias ensolarados, céus azuis, delicadezas de arco-íris, rosas cor de algodão-doce.

O som do maldito pássaro, sempre, a lhe invadir a mente, como um prenúncio da noite sem-fim que lhe resta. Rever aquele lugar, é como correr na chuva em um dia quente.

“Elisa,

O sol forte se mistura com o mormaço que sobe das calçadas, dos pisos em formas de favos de mel, das pedras soltas, e tudo isso se funde em uma correria desenfreada. Poderíamos cair no meio da lama, estragando o teu lindo vestido de flores tão delicadas, com rendinhas guipire ao redor da golinha branca. E, no meio desse caos, consigo ver ainda seu reflexo numa poça d’água escura, emoldurada por tufos disformes de mato. Teu rosto tão alvo, como se fosse a lua no meio-fio. Então, nós dois, misturados nessa profusão de “ui, ui, uis”, respiração resfolegante e escorregões incompletos, nos unimos num beijo salgado, com a água escorrendo dos cabelos, como se fossem lágrimas do que estava por vir.

Naquele momento, a vida estava parada e girando ao mesmo tempo, como se eu estivesse com febre, fome, vertigem, loucura e embriaguez, tudo junto. O cheiro. O cheiro que se desprendia da tua pele, meu Deus, estava se espalhando por toda parte, e era algo selvagem, indomável e estranho e, ao mesmo tempo, doce e amargoso. Nunca consegui explicar o que aconteceu naquele dia. Seria a chuva, a correria, os desejos reprimidos? Não sei. Só consigo me lembrar dessas sensações todas me invadindo e, ao mesmo tempo, querendo que você fosse minha para sempre.

O aroma era do sabonete espumoso, escuro, que tantas vezes fiz deslizar sobre suas poucas curvas. Aroma de cravo, canela, patchouli, levando-me para lugares exóticos, quentes e úmidos. Tu não és um tipo de mulher espalhafatosa, daquelas que se vê chegando de longe. Ao contrário, és miúda de tudo, peitos estreitos, dois botões de rosa, depois de algum tempo colhidas. Cabelos cor de palha, finos, grudados na cabeça, sem nenhum volume. Nem baixa, nem alta, na medida exata do meu abraço. Quadris pequenos, estreitos mesmo, delicados como de uma ave. Elisa, meu pardal.

Com amor,
Jubileu.”

“Elisa,

Como eu posso esquecer os dias em que andei alucinado atrás de ti, revirando toda a cidade do avesso? Vi-te a primeira vez próximo do Teatro Municipal, andando como

se fosse uma nuvem, suave e delicada. Atravessavas o Viaduto do Chá, com um pequenino pacote, ornado de fitas brancas e para mim estavas a flutuar. Deixastes cair o pacotinho e eu mais que solícito, corri para ajudar-te. Acompanhei-te de perto e te vi entrar na Mappin Stores. Acreditei, por um momento, que eras umas das madames chiques que frequentavam os chás da tarde. Mas logo saístes e te dirigistes à Botica ao Veado D'Ouro, onde fiquei a te esperar, perdido de encanto. De soslaio, vi teu rosto de marfim, em meio aos frascos cor de âmbar, pensativa, movendo-se tão graciosamente por entre saís, poções, vidros coloridos, que emolduravam tua beleza triste. Sorristes para mim, por um instante, e desde então, vivo e morro por este sorriso.

A Vila Itororó, onde vivemos nossa história de amor, é um lugar que jamais sairá de minha memória. O teu quartinho, nosso ninho de amor, ficava bem escondidinho entre as dependências destinadas aos empregados, onde residiam com tua mãezinha que me acolheu como a um filho, sempre com um café fresquinho e bolachinhas de nata. As tardes de domingo, que passamos sentados nos degraus da escadaria, observando as pessoas que passavam, ou as noites em que caminhamos pela Bela Vista, de mãos dadas, sob as estrelas, foram momentos tão especiais que pareciam mágicos. Lembro-me de cada detalhe daqueles dias, das cores, dos cheiros, dos sons. E, acima de tudo, lembro-me do amor que sentíamos um pelo outro. Um amor que crescia a cada dia, que nos fazia sentir vivos e completos. Mesmo que um dia a Vila Itororó se torne apenas ruínas, as memórias que tenho

de lá permanecerão vivas e intensas em minha mente e em meu coração. E, mesmo que um dia eu não esteja mais ao seu lado, espero que essas lembranças possam confortá-la e trazer um sorriso ao seu rosto.

Elisa, meu pardal,
com todo o amor do mundo,
seu para todo o sempre,
Jubileu.”

[arquivo de fragmentos da memória de Jubileu Tavares de Almeida, nascido em 1908 e falecido em 1961, século XX, cidade de São Paulo, Brasil]

[arquivo de fotos da Vila Itororó, Mappin Stores, Teatro Municipal, Viaduto do Chá, cidade de São Paulo, Brasil, década de 30, século XX D.C.]

— Por favor, faça durar um pouco mais essas lembranças antes de me desconectar.

— Só estou autorizado a manter as memórias por mais 5 minutos.

— Por favor, leia novamente as cartas.

— Lendo as cartas novamente.

— Eu quero levar essa lembrança antes de ir, a lembrança de uma paixão. Eu agora já posso ser desconectada.

— Espero que seu pedido tenha sido atendido plenamente.

— Sim, foi atendido. Eu consegui sentir nas minhas terminações sensoriais toda a paixão que aquele homem sentiu por aquela mulher. Eu precisava sentir alguma coisa assim, antes de partir.

— Verificando sinais elétricos e fisiológicos para resultado dos registros em paixão e amor, 100% satisfatórios.

— Nunca havia sentido isso antes. Estou feliz por poder me proporcionar esta experiência.

— Antes de desconectar seus sinais vitais, você poderia avaliar o quanto, de 0 a 10, foi satisfatória a sua experiência?



PARTE II

Os artifícios de GPT

Pablo Kaschner

O melhor defeito de Gabriel, digo, Gabriel P. Torrentino, era duvidar de si. Mesmo o sucesso do primeiro romance foi motivo para que GPT, como era conhecido, encarasse aquilo como um fardo. Afinal, agora tinha um nome — ou uma sigla — a zelar. E para quem, como todo artista que se preze, é acometido vez ou outra por certa síndrome do impostor, aquilo poderia ser uma cruz pesada demais para se carregar. Por isso, debruçava-se sobre estratégias do caminho literário que trilharia, como um pirata a estudar mapas cartográficos de algum tesouro escondido. Como, no entanto, navegar é impreciso, a cada começo de romance a tal síndrome lhe assombrava, qual um fantasma. Toc, toc, toc, toc. “Gabrieel, até quando você acha que vai conseguir enganar os outros? Lembra que sua avó sempre preferiu Reader’s Digest aos seus escritos? Pois ela tinha razão!”, ouvia, sabe-se lá de que além. Do da avó, decerto.

O próximo romance já lhe havia sido encomendado, com direito a adiantamento e mimos inusuais, mas ele ainda tinha dúvidas sobre trama, tema e mesmo o gênero. Certeza, só a de que a nova obra teria os escombros da Vila Itororó como cenário. Gabriel descobrira o local havia pouco, em uma de suas caminhadas inspiracionais a que todo flâneur de carteirinha se permite. Encantara-se com

o improvável recanto, junção de plebe e nobreza, incrustado no epicentro do desvario paulistano, na região do Bixiga. De início, intrigaram-lhe as esdrúxulas construções, as sobreposições de casas, a mistura de estilos. Na arquitetura do improvisado, de tão decadentes, colunas de formas humanas adquiridas da demolição de um antigo teatro assumiam ares de monstruosas gárgulas, e, num átimo, São Paulo tornava-se Gotham City. Aquele modernismo deteriorado parecia cenário perfeito para um thriller policial ou, talvez, um suspense de ares sombrios, quiçá macabros. Um set para Hitchcock nenhum botar defeito. Quem sabe desse o nome de Adoniran a algum mordomo insuspeito?

Talvez por ter começado tão bem na carreira, Gabriel sabia do valor de um bom início. Para ele, um romance de qualidade trazia, necessariamente, um primeiro parágrafo de impacto. Não julgava um livro pela capa; o fazia por suas frases iniciais. Cercava-se de exemplos, de Machado a Tolstói, passando por Kafka, que sustentavam sua teoria. Qual um enxadrista das letras, defendia aberturas meticulosamente pensadas, com a mesma paixão de um grand finale, um xeque-mate. A neófito de plantão, GPT carregava a tiracolo metáforas de carteirinha, e comparava sua teoria à máxima futebolística de que todo time começa com um bom goleiro. E assim lhe saía o tiro-de-meta. Ou o pontapé inicial:

As Gentes

Tem gente que é como pedra: fixa, térrea, imutável. Que acimenta suas bases com argamassa, sem deixar vazios. Outras gentes afirmam, concretas: tudo é curso de rio, e, assim, deixam-se levar na correnteza de emoções, ainda que imperfeitas. Inundam-se delas, amalgamam suas células e se espalham pelo ambiente à volta. Entre uns e outros acontece alguma possibilidade de caminho, um leito d'água ou de terra batida. É ali, entre fluxos e fixidez, onde a vida verte suas andanças. Nada detém o rio, nada detém a vida. Eles simplesmente escorrem, pelas mãos, pelos vãos. Eles vão.

Gabriel olhava para o que acabara de escrever no pequeno caderno e mal conseguia conter um sorriso de gozo, como quem massageia o próprio ego, um pai babão diante dos primeiros passos do romance engatinhante. Imagens precisas e contundentes, somente um advérbio de modo, sem exageros de “ques” e quetais. Sem sobras. Tinha ritmo e voz autoral marcante, que, no entanto, não pecava por pavonices; estilo a serviço da narrativa, como convinha, e não se sobrepondo a ela. Começara um tanto etéreo, verdade, mas a história logo se imporia, estava certo.

GPT já era visto, em tão pouco tempo, quase como uma marca. Nem a comparação “Romero Britto das letras” o incomodava, pois críticos maledicentes sempre hão de pintar por aí. Seu maior receio era tornar-se cópia

de si mesmo, uma receita de bolo. Por isso, a ideia era que mal se reconhecesse, em seu novo romance, o escritor do primeiro livro, pois coisa que não queria para si era estigma. Ainda que aquilo lhe custasse a reputação de autor queridinho, disputado por editoras, cada vez mais cuidadosas com números que com letras. Aos poucos, conquistava autoconfiança, sem nem desconfiar que também isso devia ser motivo de alguma suspeita.

Não era pouco que estivesse satisfeito com o início de seu romance: indício de bom agouro. Não foi. Por algo que lhe escapava à razão, e a perturbava, o tal prodígio das letras via-se agora diante do propalado pânico da folha em branco. Ou, no caso, com tão somente algumas linhas. Simplesmente não conseguia avançar para o segundo parágrafo, como se amaldiçoado estivesse, ainda que àquela altura já tivesse em mente que abordaria temas contemporâneos, mais especificamente o impacto da tecnologia nas relações amorosas. Tampouco os avisos da editora sobre o prazo iminente surtiam efeito: nada fazia o badalado GPT sair daquele maldito começo. Até conseguira emular uma escrita-mimesis durante um curto, curtíssimo, espaço de tempo. Mas aquilo, estava óbvio, não se sustentaria por todo um romance sem que soasse a pastiche. Questão de fôlego. O tal medo de se repetir parecia tê-lo paralisado. Era uma mula empacada. O que fazer? Não fazia ideia. Do que sabia era que o Rio Itororó, a passar por debaixo do estapafúrdio conjunto arquitetônico chamado vila, seria personagem.

Foi então que lhe ocorreu conversar com seu alter ego tecnológico, o também badalado ChatGPT. Sim! Ordenaria à ferramenta que criasse outros parágrafos, a partir do primeiro, seguindo o mesmo estilo, e, zás!, tudo estaria solucionado. Foi sem dor que lhe chegou o segundo parágrafo, em questão de poucos segundos. As palavras apareciam no ecrã como que por mágica, uma após a outra, em velocidade de causar inveja a procrastinadores:

[Assim como o rio pode ser tanto calmo quanto tumultuado, as emoções também possuem diferentes tonalidades e nuances, e cada uma delas pode nos ensinar algo valioso sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. Se permitir sentir é abrir-se para um universo de possibilidades, onde cada emoção é um convite para viver plenamente e se entregar ao fluxo da vida.]

Exultante pelo súbito “desbloqueio criativo”, nem sequer entrou no mérito do valor literário do trecho. Mas havia ainda um desafio: como relacionar o Rio Itororó com o fato de que os celulares estavam, cada vez mais, bloqueando a intimidade real entre casais, e que as mídias sociais se prestavam a ser uma espécie de anestesia seletiva para as relações humanas? A IA, a essa altura já carinhosamente apelidada de “laiá”, seu oráculo das horas difíceis, não haveria de decepcionar:

[O Rio Itororó pode ser visto como uma metáfora para as relações humanas, assim como a água flui pelo rio, a intimidade e a conexão entre casais também precisam fluir livremente. No entanto, com o avanço da tecnologia, muitos casais têm perdido essa conexão real em troca de uma interação virtual. As mídias sociais, por sua vez, podem ser comparadas a uma anestesia seletiva para as relações humanas, permitindo que as pessoas fiquem conectadas a um mundo virtual e ignorem a realidade ao seu redor.]

Assim seguiria por todo o livro, com fios de histórias entremeadas com divagações sobre querermos as partes boas do convívio interpessoal, mas evitarmos ao máximo os atritos, as conversas desconfortáveis, o tédio etc. Para dar verniz acadêmico, entremearia com tergiversações sobre o conceito de “Intimidade Artificial”, extraído de algum artigo obscuro de um site russo. Intimidade Artificial seria, segundo GPT (a essa altura, já tomara o conceito para si), a que nos faz partir para o mundo confortável e controlado dos celulares — a nos distrair do que é verdadeiramente humano — sempre que algo desconfortável se nos materializa nas relações interpessoais. GPT justificava para si tais apropriações em uma frase do Verissimo na qual se agarrava como sua tábua de salvação naquele oceano de referências: “Copiar de um é plágio; copiar de vários é pesquisa”. Ou seria do Drummond? Talvez Clarice...

Pois bem, de escritor de imbricadas tramas policia-lescas, via-se, agora, coach de relacionamentos. Gabriel P. Torrentino cada vez mais GPT, e sem remorsos. Tanto faz. A vida é doida. O que importava era grana fácil e tapi-nhas nas costas para suas golfadas de ego. Tanto melhor se sua laiá fizesse o trabalho pesado da criação e tudo lhe caísse no colo sem muito esforço. Vender-se (ou a alma) não deixava de ser uma arte, pensava, qual um Fausto tropical, de óculos Ray Ban em ambientes fechados e outras excentricidades.

Desnecessário dizer que “Intimidade Artificial: fui no Itororó beber água e não achei” foi um estrondoso acontecimento literário. O título também lhe fora soprado por laiá. Títulos grandes vendiam mais, diziam seus algoritmos. Depois que críticos chamaram atenção para a genialidade irônica do autor, mal se colocou reparo na esquizofrenia de estilos, nas pontuações capengas ou em quão ocas eram aquelas groselhas em formas de parágrafos. O escritor, por sua vez, desconfiou que a crítica tivesse sido feita por alguma inteligência artificial. Pouco importava. A era da pós-verdade já se instaurara havia tempo. Nas livrarias, seu livro nem chegava a ir para as estantes: mal os exemplares eram desempacotados, logo se esgotavam. Vendiam como água, para o sorriso cheio de dentes de um Gabriel a cada dia menos constrangido com a própria felicidade. A verdade é que Gabriel P. Torrentino, a.k.a. GPT, nunca mais duvidou de si.

Fui na *Itororó* beber água e não achei

Julia Aranha

Uma peça formada por 4 atos.

Primeiro – A ruína da casa fazendo um paralelo com as ruínas do cortiço (Vila Itororó).

Segundo – A violência doméstica fazendo um paralelo com a desocupação da vila (104 famílias desabrigadas).

Terceiro – A fuga da personagem do seu próprio abandono e atropelamento, versus o abandono no qual as famílias e moradores se encontraram.

Quarto – O renascimento da personagem na inauguração da Vila. O quanto as transformações podem nos desfigurar.

///

PARTE 1

destroços.

18h52.

estava nublado.

copo seboso na pia

mini baratas

plástico gorduroso

piso descolando

mostrando a base podre suja e carcomida.

não importa o quanto tentam conter
a casa se revolta.
ela é o que é.
acompanha quem vive nela.
a toxicidade de quem mora impregnada nos alicerces
misturada nas camadas sobrepostas de tinta na parede
que seguram o mofo.

desço na 23 de maio e passo pela ocupação.
uma menina joga um saco de lixo pela janela.
a montanha de sujeira que sobe pelas paredes
é consequência.
acima de tudo é consequência.
uma vila inteira de pessoas abandonadas
uma vila em ruínas.
o pixo tenta achar espaço na cidade
como grito de fúria e socorro.
uma parede concreta para pertencer.
para ficar.
as crianças de sempre me dão oi tia
eu sorrio
entro na monsenhor passaláqua
e o sorriso se desfaz.
do cansaço
do ônibus lotado
do abandono.
abandono em todo lugar.
por todos os lados.
até no de dentro.
entro no 22.
a sacola rasgou na metade da escada e ele me fala
que eu não sei fazer nada mesmo como pode alguém

tão burra
não sabe segurar uma sacola direito? coca quente?
quem é que toma coca quente?
eu faço o quê com isso agora?
taca a coca na pia.
as mini baratas correm.
filhotes.
acabaram de nascer.
carregam a culpa da sujeira da casa.

PARTE 2

mais uma violência.

não tivemos tempo de olhar a hora.
ainda nublado.

apertou até o sangue sair por completo.
um trecho do meu braço ficando ainda mais branco.
um pedaço do meu braço morre.
vinte centímetros de bloqueio da circulação
dezesseis centímetros transformados em abismo
na maior lonjura que houver no mundo.
a maior distância que existe tem o formato da
sua mão direita.
dezesseis centímetros convertidos em infinito.
largou
em segredo
só eu e ele sabemos.
se souberem fui eu que contei.
se falar isso já sabe sua vagabunda.
ele me pega até no silêncio.
até onde não está.
fica parado sempre por detrás do medo.

é o ponto de partida do medo.
ouço gritos essa é a minha casa me deixa entrar
na minha casa.
104 vezes gritaram.
uma vez para cada família que teve que desocupar
a vila.

PARTE 3

este é um caso de destruição por abandono.

quase 18h.
o dia bem branco assim como meu braço daquela vez.

desço as escadas correndo.
sem sacolas.

penso no meu sangue preenchendo aos poucos os
dezesseis centímetros que a mão dele me tomou de
braço.

passo pelas crianças
tia a gente vai embora tia.

e dá pra ir embora?
paro no ponto já quase 18h.
se anoitecer fudeu.

vou pegar o santo amaro
mas se vier o socorro pego também.
ser abandonada é ir embora? ou é consequência?

PARTE 4

a desfiguração.

logo pela manhã.
nublado como sempre e quente

particularmente quente.

esquecemos de dizer: 11 anos depois.

pedala como quem foge.

ou como quem quer chegar.

desce a brigadeiro no pau.

nunca mais pegou a 23.

chega.

vila itororó aberta.

ninguém da união dos moradores da vila itororó

veio ver essa peça.

sem lixo na frente.

sem gente que mora.

passo pelas crianças no farol de cima

tia compra uma bala tia ajuda a gente.

entro na vila.

as luzes azuis me transportam para um sonho.

sinto meu pés invadindo casas.

a peça dura uma hora e meia.

vou embora e sinto que abandono.

que deixo algo muito importante pra trás.

Maíra

Scyomara Petrelli

Era 1948 quando Toninho chegou em São Paulo, retirante do sertão do Ceará, e veio morar aqui, nessa Vila cercada de histórias fantásticas. Diziam que na década de 20 um tal endinheirado a criou para ser o melhor lugar da cidade: aluguel barato para gente trabalhadora e de bom coração, tinha até um palacete que foi cenário de gente ilustre e grandes personalidades.

Enfim Toninho, cheio de esperança, depositou suas fichas por aqui mesmo, dizia que morava no Palacete do Bixiga, só que mais pra baixo um pouquinho, e logo muitos outros vieram; com eles a Maria Rita, baiana de Vitória da Conquista, linda de fazer inveja aos amigos: *uma moça bonita de olhar agateado que deu tiro certo no coração* de Toninho.

Por aqui já tinha a CMTC, que inaugurou em 1947, e fazia o caminho de muitos para além das vistas da Vila. Quem fazia uso do ônibus, de vez em quando, era Maria Rita, quando acordava atrasada para chegar até lá em cima na Av. Paulista 1230, Mansão dos Matarazzo, onde trabalhava de lavadeira e passadeira, *vejam só: ela circula entre a granfinada da Paulista*. Mas na maioria das vezes ia a pé mesmo, acordava às 4:00 e as 7:30 já estava lá.

Toninho trabalhou de ajudante de pedreiro, pedreiro, e

chegou a ser até mestre de obras fez muitas construções bacanas: *tá vendo aquele edifício moço? O Toninho ajudou a levantar, fez a massa, pôs cimento e até se empenhou em rebocar.* Ele sempre arranjava emprego por perto. Melhor assim: conseguia voltar para casa para almoçar e olhar a filharada que ficava sob os cuidados da Silvia, sua primogênita dos 5 filhos, já que a Maria Rita só voltava da casa dos bacanas depois das 19 h.

Os filhos foram crescendo, casando e alugando as casas ao lado da nossa, mas a Silvia foi ficando, tinha sonhos mais ousados. Queria morar em Mississippi ao lado de Graceland. Ela tinha certeza que, se o Elvis Presley a conhecesse, ia querer casar com ela e viveriam felizes para sempre:

*There's nothing in the world like Sylvia...
Feeling so sad now, I'll be so glad now
If I just had my Sylvia with me.*

Mas, contra todos os seus sonhos, e a favor das probabilidades, conseguiu um emprego de faxineira no recém inaugurado Café Piu Piu no ano de 1984. E em 85 conheceu meu avô que, segundo ela, era o melhor guitarrista de todas as bandas que tocavam lá. Não posso opinar porque nunca o conheci.

Minha mãe é bem diferente da minha vó, sempre com os pés no chão, procurou relacionamentos sólidos e duradouros, sem a ilusão de que magicamente um ícone da mídia pudesse a enxergar ou tomar-lhe os braços para eternizar uma paixão arrebatadora. Minha mãe, com a

vocação que herdara de seu pai, se tornou professora de canto, pois procurou a igreja como um movimento individual para conquistar espaço e desenvolver suas paixões. Ela me ensinou a ser quem eu sou e me apontou o caminho para a música.

Sei que hoje, 25 de janeiro de 2023, é o dia mais importante da minha vida porque vou ouvir o meu ídolo maior: Wilson Simoninha, que me moveu a ganhar uma bolsa na Orquestra Jovem Tom Jobim.

Vai ser aqui mesmo, no meu lugar, lugar onde abrigo tantos doces e amargas lembranças e não consigo imaginar quais emoções irão me atravessar depois de 12 anos longe desse meu primeiro lar. Onde vivi os primeiros anos de minha história:

*A saudade...
Que graça tem esse tormento que invade
Me maltratando o coração, uma voz...
Tá difícil esperar*

Flagelação às avessas

André Tourinho

O escritor decide que ela irá comprar em vez de flores, aos moldes de certa autora inglesa, papel higiênico. Papel higiênico? Sim, isso; todos não dispomos de um orifício anal a zelar ou, quem sabe, uma narina carente de assoadelas? Nossa... de tão banal soa até que... original! Zipe já essa boca, que temos uma história para contar. Ai, que ogridice! Temos mesmo? Se me permitir... Tudo bem, à la vontê. Merci! Bem, talvez seja o ideal ir concedendo o microfone ali e acolá à voz das personagens. Que tal? Para mim, sounds good.

Preciso de papel higiênico, como já devem ter-lhe dito. Na pandemia me calha de ser a deixa para dar uma volta de carro pela quadra, pelo bairro, pela cidade. Proibida de ver os netos, consigo, porém, despistar o porteiro subornado por Léo e imaginar que um dia os filhos que nos querem mandar. Da Graça termino em Itapagipe, Cidade Baixa e, não me questione como, Salvador e a capacidade de nos escoar ao fundo de seus veios e veias. O que ia comprar? Esqueço, já absorvida pela rua, diante da Casa de Antero, acho que de estilo vitoriano, quando não se tinha ainda virado ao século vinte. Branca, também vermelha, inclusive no vitral da varanda. E nisso me entra, me invade você, Ric. Sua vez.

Ar-condicionado glacial, boca ressequida, vontade de ir embora, seguíamos confinando um ao outro

dentro daquele quarto com os dois à cama metálica. Havia um par de semanas, sobre a superfície de um mesmo móvel daqueles, mas de madeira, éramos célula a célula, suas, minhas, a se fundir dentro da tenda, a nossa tenda — toda e nossa; casulo de incêndios, catapultas de eletrocussões, tudo contido sob as dunas de algodão e poliéster daquele universo a dois. Inteiriços, ali, nos relevos do gozo; já agora, com o lastro dessas lembranças, também dever... o dever de se dar em igual inteireza a ti, na doença, sendo eu o doente.

Como você até se recorda! Parecia dormir quase todo o tempo.

Culpa da morfina.

Noites assim, quando os miados felinos em desvario e os chiores dos caminhões de lixo se faziam a maior distração. Não quero falar nisso, prefiro acordar da memória quando passávamos a tarde a vadiar ali, nesse sótão habitável de Antero, assim que metia o pé o seu avô. De lá, fresbeeava as retinas, o olhar pelos origamis da copa das árvores, com o privilégio, entre as breves perdas de consciência entre uma tragada e outra, de me ressentir ao seu colo, de despertar sob o dilúvio violetado de uma quaresmeira. Como os dias são lentos e os anos passam, aqueles anos passaram rápido.

Você adora mesmo poetizar tudo, encobrir o pior com o melhor. Sugiro que desligue o carro se formos de fato devanear a bordo de lembranças, isso porque é de puxar os membros de árvores já mortas. Tudo bem. Acima daquela cama hospitalar, o ócio oscilava também os nossos humores.

— Amor, você não vai trabalhar?

— Mas, mas não 'tava envolvida naquele projeto de expansão da empresa para a África do Sul ou sei lá o quê?

— Longe de mim querer lhe pausar tudo por causa disto... — **Aponteio o maquinário no entorno.** — Agora, como que lhe deram a licença se somos namorados?

— Detesto caridade alheia, sabe muito bem, aliás, pior ainda se mentiu.

— Necrofilia é crime, não lhe contaram? A ninguém cabe o desconhecimento da Lei.

— Amor, quer dizer, Marieta, eu posso, sim, melhorar por uma noite, um ano, mas não por sua vida toda.

— Tem razão: de nós — **aterrado por aquele aroma asséptico e impessoal do ambiente** — Você me consegue um cigarro?

— Deixe de frescura, não será o cigarro que me matará. Fumar é um ato civilizatório, afinal, diga aí algum outro bicho que leve um à boca?

— Incurável, no sentido que eu menos queria.

Rimos, camuflando os incômodos

— Eu pedi licença.

— Já disse, pedi licença — **enquanto me afagava o cabelo, mais escurecido pelo esquecimento do sol.**

— Bem, comentei que havíamos noivado. Acabaram quebrando o gelo, por algum milagre.

— Isso pode mudar — **então me acaçapando dentro daqueles seus dois buracos negros.**

— Ric, Ric, você não passou na OAB, lembra? E, pelo amor, pare com essas piadinhas — **os buracos negros se irrigaram por você** —, não pode desistir, isso que é morrer, e pior, vivo!, enquanto houver calor aqui... — **deslizando a mão, veemente, pelo meu tórax.**

— Ninguém está falando de mim!

— Não estou certa se eles deixam...

— Você é mesmo um caso perdido...

dentro daquele cômodo.

— Você não vai mesmo embora.

— Você tem bafo de mendigo; a sua mãe é pior do que a Miranda de *O Diabo veste Prada*, só que em uma versão feia; o seu pai não sabe votar e muito menos construir uma casa que não se pareça com um caixote; aquela sua última exposição era mais desenho de bebê aos três anos, graças a Deus não depende disso para pagar as contas; eu que comi todos os restos do Natal na madrugada daquela vez; já fiz compra no seu cartão de crédito e eu e sua irmã já ficamos.

— No mesmo dia.

— Calma, antes, falta isto.

Nesse instante a arremessei em um beijo suspensivo.

Espere, houve algum melhor?

Desde dali, nunca mais nos vimos.

Eu morri, Marieta.

— Enfim acertou alguma vez.

— Antes de nos conhecermos?

— Ah! Que, que, que asqueroso! Acho que preciso ir.

— O que faltaria à humilhação completa?

Certamente o mais raivoso, o mais saboroso, entre os nossos.

Claro que não!

Me abandonaria dentro de uma semana.

A libertação como o último — e maior — gesto.

Toda aquela metralhadora de ofensas para me proteger. Compreensões... a sobrevoarem já tão tardias.

Imaginávamos os céus como um grande afresco em movimento, quando no fundo já se encontravam em nós. Sedenta desde aquela noite, com a água embaixo do lago congelado. No meu reinício após o seu fim, ainda

me deixava torturar e deleitar com a ideia antiga de lhe florir a lapela e nos visualizar como astros de uma catedral. Se foi, como você um dia, a angústia, o que não significa esta saudade estacional... a querença de ter sido ao menos a sua viúva.

E daqui de cima eu te perdoo, mesmo que em nada e no nunca lhe fosse preciso algum gesto de perdão da minha parte, por ti, senão agradecer. Doar está em perdoar, não? Seu ridículo; e, de tanto que me fizeste o primeiro, permite, como favor final, te conceder o segundo: perdoa-te.

Destituição do visível, aceitação do imutável, cristalização do vivido.

Como demorei a deixar de ser coberta de você. A lembrança, de acariciar a imaginação, resistirá como a melhor entre as possíveis heranças; apenas se lamenta pelo fato de as ruínas de Antero virem a resistir mais do que ela, obra-prima a quatro olhos.

Coadjuvante

Letícia Ávila

Bonito ser criança aqui. Não há perigo pelos olhos dos pais, já que tem olhos em volta que tudo veem e tudo falam. As pernas curtas correm, caem, machucam e levantam. As risadas e gritos em êxtase fazem voltas na Vila Itororó. Não há um canto que não tenha o suor de uma criança. Os mesmos olhos que cuidam, me afastam. Sei que minhas vestimentas poderiam ser mais aceitas pela sociedade, eu poderia saborear mais as palavras e sorrir com mais frequência. Poderia? A vida não fez de mim uma criança que se lambuzava de felicidade e um adulto com possibilidades. Ela me fez segurar bandejas e limpar chãos que, se possível, eu nem deveria pisar.

Minha casa sempre foi a dos outros. Um quarto para morar. Faço o que querem e não preciso pagar por ele. Me alimento das sobras e visto os restos de tecidos que aprendi a costurar. Disseram que agora, finalmente, nós seríamos livres. Enquanto não sei o significado dessa palavra, sigo cuidando de uma família que não é a minha. Nesses 27 anos, não me parece real segurar bebês e alimentar uma casa, ainda mais amando quem eu amo.

Anseio pela noite, o momento que as portas se fecham e só uma se abre para mim: o porão sem mobílias e com privações. Braços fracos me recebem, com um passado

e histórias vazias, tão longe dos meus que carregam o peso de uma vida sofrida. Não desejo a ninguém, mas quem sabe se sentisse na pele entenderia minhas dores. O cômodo cheira à noite passada, sua língua ensaliva minhas coxas grossas, seus olhos me comem, sua boca me engole e palavras sujas esguicham sobre meu corpo.

Sexo que me apresenta o amor.
Amor que me relembra a solidão.

Solidão que é um dos móveis velhos que habitam dentro de mim.

Os lábios finos se despedem dos meus carnudos e dizem: *quem sabe se seu corpo fosse mais apresentável, eu andaria de mãos dadas com você por esses caminhos da vila.*

Amanheço com a lembrança de uma noite desgraçada. Nossas despedidas são lembretes dos nossos erros e do quanto odiamos nos amar. Caminho até a construção da casa dos filhos da família que dizem ser minha também. Percebo que a vila está em festa. Um casamento prestes a acontecer no casarão. Talvez mais um casal de portugueses que “descobriu” o Brasil. Andavam dizendo que aqui era o país do dinheiro e São Paulo a capital mais abastada do mundo. Eu gostaria de saber a cor do dinheiro.

De relance consigo ver a parte interna do casarão, as cadeiras perfeitamente enfileiradas e as orquídeas guiando em direção ao altar. Na parte externa, mesas com toalhas brancas e gérberas espalhadas solitárias dentro de garrafas. Em pouco tempo, aquele lugar estará

coberto de pessoas vendo graça na vida. Sigo meu caminho e encontro mais cinco como eu, se doando para a realização de um novo lar. Sorrisos me recebem, como se não escondessem ódio e mágoa de uma vida inteira, sabem disfarçar melhor do que eu.

Corpos exaustos pedem descanso.

A cozinha da Dona Lu está preparada para nos receber. Às escondidas, ela nos alimenta de uma refeição caseira com sabor de família. Quando todos saem de casa, ela faz questão de cozinhar rapidamente e avisar ao menino, que nos convida com um silêncio poético, quase uma dança. E o seguimos como uma coreografia calma e faminta. Cinco garfadas de feijão, arroz, farinha e carne, e o mesmo menino volta com outro convite: *venham, a cerimônia começou!*

Os pés voam como na final de um campeonato. Ver casamento é uma dádiva para alguns e um mero entretenimento para outros. Assistimos de longe, escondidos. Ela anda suavemente com o vestido longo e branco e um véu que a cobre inteira, inclusive seu próprio vestido. O que vemos através do véu é a cor do seu cabelo, o preto que realça sua pele branca. Ela entra no casarão e já não podemos ver nada muito bem, os comentários começam: *quem será o noivo? onde vão morar? será que ela tá grávida? quem vai trabalhar para eles?*

As conversas continuam, cada um com seu prato na mão e intermináveis julgamentos expressos em sussurros, como se fôssemos ser pegos a qualquer

momento. Dona Lu não gosta quando comem em pé, mas para ver um casamento, ela perdoa. Olha só, eles tão saindo. Fico nas pontas dos pés para ver entre as árvores que nos escondem. Quem sai de mãos dadas com ela é a minha ruína final. A nuca fina que eu conheço bem. O chapéu preto que o acompanha dia e noite. O sorriso liberto vaza do seu rosto quando vira para olhá-la. Os convidados despejam arroz no casal, tanto que poderia alimentar a ralé escondida. Os braços esguios a envolvem pela cintura. Beija seus lábios como se a amasse. Talvez a ame e eu vi um amor entre os lençóis que nunca existiu. *Viva!* Os convidados gritam ao festejar a união.

A esperança de uma noite de luxúria cai por terra
e eu só espero que o fio de liberdade
que resta em seu corpo o destrua por inteiro,
que nos dias quentes insaciáveis
nenhuma carne rija seja capaz de matar sua fome.

A queda

Ingrid Borba

Olha para o mesmo ponto, algo semelhante a um camelo ou a um dromedário, não consegue se recordar qual deles sustenta duas curvaturas em seu dorso. Na imagem, que recebe sua atenção há alguns minutos, o animal compõe uma série de possibilidades que um muro com tinta descascada autoriza o córtex frontal a criar. Ou seria o hipocampo? O último psiquiatra foi tão dedicado ao desenhar o funcionamento do cérebro e, no entanto, ela se limitou a anotar os hormônios que mereciam sua atenção.

Parecia mais fácil equilibrar serotonina, noradrenalina, cortisol e endorfina do que compreender as partes do corpo que não estavam dispostas a colaborar com o seu bem estar. Algumas leituras na internet e até mesmo um curso de neurociências on-line, acreditava que o conhecimento a livraria das drogas laboratoriais. Era o sexto doutor comprometido com um diagnóstico — mais uma composição medicamentosa que deveria dar conta de resgatar quem ela era até o dia do acidente. Vinham falhando há dez anos.

Desejava apenas a leveza de quando ainda não sabia que poderia falar com alguém às 10h da manhã e às 17h esta mesma pessoa só existir em fotografias e três ou

quatro vídeos salvos da última viagem que fizeram juntos. A morte impede novas recordações. E a descoberta de que ela pode surgir sem avisar, acontecer sem pré-requisito, essa simples informação desencadeara descontroles mentais que se sentia incapaz de explicar aos médicos. Tentaram tratar ansiedade, estresse pós-traumático, depressão, bipolaridade e o peso todo consistia em uma única revelação – podemos morrer sem despedida. Um simples deslize e fim.

Assemelhava-se àquelas quase paredes abaixo de seus pés. Estava no ponto mais alto daquelas ruínas, como costumava subir na companhia dele. A Vila Itororó era a trilha urbana de sua história de amor. No entanto, hoje, sozinha, parecia apenas um amontoado de tijolos escancarando a fragilidade do que a sustentava. Um vento mais forte ou uma chuva de granizo e o muro poderia vir abaixo. Assim era. Assim pensava quando as crises surgiam. Uma ligação que a mãe não atendia ou ambulâncias abrindo sirenes pelas ruas e todo seu corpo ficava em alerta, despindo-a de qualquer controle emocional.

Tentou a corrida, os esportes de força, cogitou entrar na cerâmica, mas acabou arriscando uns textos melancólicos. Fez viagens, amigos novos, bebeu demais e ficou sem beber. Virou mãe, cuidou do pai, casou e fez sexo sem compromisso. Conheceu os óleos essenciais e a meditação, marcou um homeopata que nunca foi e a lista de promessas ao Criador era extensa. A onda se espalhava, de repente, pelo corpo, os pensamentos ebuliam convencendo-a de que o pior tinha acontecido com qualquer

pessoa que já havia ousado dizer eu te amo.

Não sentia falta do morto, seria por demais dramático e mentiroso afirmar que a mulher que se tornara ainda amava o menino que se foi. Não gastava mais horas pensando no tipo de vida que teriam construído, pois nessa composição inexisteria sua maior bênção, o filho que havia gerado com outro. Era da ausência do medo que sentia falta. Ele a paralisava cada dia mais, destruindo as partes sãs que ainda a constituíam.

O medo age como uma doença contagiosa que busca capturar novos pensamentos para perto de si. Se antes temia o fim abrupto que um acidente de carro pôde causar ao namorado, não demorou muito para somar a isso as violências urbanas, as doenças fulminantes, os acidentes domésticos, acasos indesejáveis, improváveis, porém estatisticamente possíveis. Se o telefone tocasse com um número desconhecido, sua mente criava uma despedida antecipada.

Do alto do prédio da Vila, esqueceu-se do formato animal assumido pelos restos de cor e começou a se lamentar por cada coluna que não era mais uniforme; que pretendia ser poeticamente uma ruína, mas era só um acúmulo de descaso e abandono. Acariciou as manchas mais próximas, seu dedo deslizando entre tijolos, emboço, massa corrida, uma gotinha de sangue se arranhou. Pediu desculpas por impor ao local mais uma marca. Em si e nele.

Secou o rosto de sol e de choro, aquele corte tão fino que lhe lembrou de seu último e mais recente pensamento

capturado, o medo da própria finitude. A angústia era tanta que lhe ocorreu tomar as rédeas, assumir o controle. Dar ela o passo. E quem era ela, afinal? Não se reconhecia naqueles destroços que o espelho mostrava, mas parecia tão distante a menina de dez anos atrás. E se fosse para sempre esse peso humano que os médicos se esforçam em restaurar? Não seriam todas as pílulas químicas os vasinhos de flores espalhados por aquela vila? Intervalos de vida, de felicidade artificial, tentando sobreviver ao que não é mais?

Desmoronou.

O som era agradável e eles se divertiam. Desceram as escadas caminhando em direção aos vasos de plantas. Ainda não concordavam sobre a necessidade deles. Ali deram o primeiro beijo, que de tão entregue, fez ele pisar num cano solto. Riram. Como não se envolver com todos aqueles muros pintados, tijolos expostos, torres mal acabadas? Se apaixonaram imediatamente. Rolava uma feira livre de comida de rua. Pediram uma cerveja e dois cachorros-quentes. O menino do violino arriscou Yann Tiersen. Se entreolharam. Não havia dúvida, as ruínas seriam para sempre o início de tudo.

Pular da ponte

Maria Caram

Para Pedro e Fernanda

o mais bonito da cidade grande é quando ela desiste

Esther Az

O Edifício São Pedro desistiu na manhã do dia 7 de março de 1985. Durante toda a madrugada tempestuosa, observou marinheiros de um rebocador tentando salvar a carga que transportavam: um antigo petroleiro, fustigado pelo fogo dois anos antes, que seria levado para desmanche e reaproveitamento das peças.

Impressionou-lhe a resiliência dos homens que, mesmo em meio à violenta tempestade, insistiram de todas as maneiras para salvar aquele soldado ferido. Na proa do rebocador, alternaram-se em içar e soltar cordas, manobrar o barco principal, dar ideias, gritar, praguejar, implorar, nunca desistir. A cada nova manobra, o antigo petroleiro acomodava-se mais e melhor no banco de areia que havia escolhido para ficar. Com o dia quase amanhecendo, um último relâmpago deixou ver o rompimento das correntes que uniam reboque e carga. Os marinheiros exauridos deixaram-se guiar pelo rebocador derrotado até o porto.

Na aurora, edifício e embarcação encararam-se. Ele assemelhava-se a um navio de cruzeiro; ela, estendida ao mar com a pele de metal lambida pelo fogo, parecia uma das banhistas que estendiam a canga na areia pela manhã.

Durante quatorze dias, vieram homens e máquinas tentar desencalhar o barco. Mesmo com o melhor maquinário, os melhores estivadores, ofertas vultosas de recompensa a quem conseguisse movê-lo, o navio recusou-se a sair.

Em 21 de março, a companhia proprietária do petroleiro recebeu um telegrama urgente dizendo que nada poderia ser feito a respeito de Mara Hope. Deram-no por morto e quase enterrado. Entregaram ao tempo a tarefa de desmanchá-lo e fazer uso de suas peças. Como um santo que vela seus devotos, São Pedro observou tudo sabendo que o destino já estava selado. Prédio e nau pareciam ter feito um pacto.

O trecho da orla que separava o São Pedro e o Mara Hope foi sendo abandonado aos poucos. Outra área foi reformada, com novos prédios, vias mais largas, restaurantes, aterros. O mar, ali, era só cartão-postal. As placas vermelhas indicando “água imprópria para banho” eram fincadas na areia fofa assim como os edifícios de luxo eram fincados bairro adentro. O destino turístico e dos banhistas agora era outro pedaço do litoral, recém urbanizado, mais distante do centro,

cercado de clubes com piscinas: era naquele desterro que se escondia o futuro.

O prédio em forma de navio também foi enjeitado pelo seu público original. Deixaram o São Pedro como se ele nunca tivesse existido: reclamando dos andares semiacabados, do terraço nunca terminado, do fosso de elevador aberto. O que antes era charme virou ausência.

O vento, impedido pelos arranha-céus de entrar para o continente, varria os corredores de portas abertas, enquanto a maresia adentrava e corroía as entranhas do antigo petroleiro deitado na praia. Foi essa brisa quem deu à construção e ao barco a notícia de outros desistentes: os galpões da antiga alfândega, o farol velho, o estoril, a ponte.

Eram esses sussurros que alimentavam o exército de construções tão abandonadas quanto vivas. Ruínas sólidas que protegiam histórias que nem aterros nem torres poderiam apagar. Se o futuro se desenhava distante, o passado eram essas sombras projetando-se no fim da tarde.

Não demorou para que outra turba se somasse àquela dissidência passiva. Menos monumentais, pescadores, nadadores, caminhantes, ciclistas, advogados, publicitários, vendedores ambulantes, dançarinos, viajantes, funcionários públicos, tantos outros, foram aparecendo aqui e ali. Alguns ficavam para morar, instalando-se no São Pedro ou na ponte; outros nem tinham casa. Havia ainda os que moravam em algum lugar distante dali,

mas escolheram aquele pedaço como lar; a maresia os chamava mais que qualquer moradia.

Nos escritórios e nas lojas, nas repartições públicas e nos ônibus, pacificamente, eles preferiam não. Ignoravam os relógios, fechavam os computadores antes do sol se pôr, cumprimentavam-se silenciosamente, reconhecendo-se sem palavras. Caminhavam resolutos para a trincheira dos desistentes, cheia de frestas por onde o sol podia entrar. Entre as fendas das ruínas e de seus habitantes cresciam plantas, nasciam mariscos, prendiam-se peixes, criavam-se laços.

Da carcaça entrecortada do Mara Hope, saltadores se jogam ao mar. Em sua proa queimada, pescadores insistem em parar e descansar. Os sucessivos aterros da orla não conseguiram impedir a existência da ponte, nem daqueles que a percorrem aos pulos e se lançam no ar em mergulhos extraordinários. As igrejas e seus cânticos ensurdecedores não foram capazes de silenciar o movimento fantasmagórico do comércio agitado dos trapiches. Há corpos que dançam mesmo que não seja mais possível escutar música no estoril. Nem mesmo os prédios de muitos andares que espremeram o São Pedro tornaram indiferente a sua gloriosa existência.

A vida insiste em chocar-se com os espigões e refletir-se nas torres espelhadas de infinitos andares. A isso, os outros chamam de ressaca, mas os aliados das ruínas sabem que são os dias em que o mar está em festa.

PARTE

III



Era uma vista tão bela

Maria Célia Dantas

Eu sou aqueles que passaram por mim.

Palácio caído.

Moradia de multidão.

Fui lugar de muitos.

Fui lugar de um só.

Fui lugar de ninguém.

Eu sou. Eu fui.

Eu e Tercina

Eu sobrevivente.

Ela testemunha.

Tercina terminava seu turno de enfermeira quando o sol apontava lá atrás da Chácara das Jabuticabeiras. Gostava de chegar na Vila enquanto as casas ainda roncavam baixinho, como mãe que, antes de acordar os filhos com um beijo na testa e leite morninho, fica um pouco parada ao lado da cama.

Entrava em sua casa miúda. Sentia-se devolvida para o útero, abraçada, protegida. Vivia ali há tanto tempo que já não sabia de outra vida nem de outro lugar. Chegou moça, junto com a mãe que veio trabalhar no Palacete. Alugaram a casa amarela na parte mais baixa da Vila. A mãe foi levada pela pneumonia alguns anos depois e Tercina aprendeu a viver de ausência.

Seu mundo era pequeno, se esticava da Vila até o hospital.

E ela foi tomando conta das pessoas. Alguns, puxou do ventre da mãe num parto apressado. Outros, chegou só a tempo de fechar os olhos, já não tinha mais nada a ser feito.

Tudo o que acontecia na Vila ia passando pelas suas mãos, de um jeito ou de outro.

Seu Antônio, o padeiro, era vizinho de Tercina. Dividiam o corredor de entrada e o portãozinho de ferro, enferrujado e meio solto na parte de baixo. Tinham muitas coisas em comum. Suas mãos eram hábeis como as dela, só que curavam de outra maneira. Trabalhava na padaria Lucânia, que ficava no meio do caminho entre a Vila e o hospital. Ele mudou pra lá com a filha ainda pequena. Era um bom pai, cuidadoso. A esposa de Antônio teve uma febre que durou muitos dias, foi ficando fraca até não aguentar mais. Ele ficou com a filha nos braços, vendeu tudo o que tinha e mudou para a Vila pra morar perto do trabalho.

Tercina muitas vezes socorreu Antônio. Bastava a menina ter uma tosse e ficar amuada para o pai cair em desespero e cabia a Tercina acalmar o pobre homem.

E assim foi sendo costurada a história dos dois. Nunca ultrapassando o corredor, nunca dividindo a cama, nem dando trela para o desejo. Não era preciso.

Houve um único dia que Tercina sentiu Antônio em seus braços. Apenas uma vez.

Chegou do hospital e a Vila já estava acordada. Mais que isso, estava aturdida.

Todos perto da piscina. Tercina podia jurar que estavam fazendo um pequeno ritual, uma dança sem sair do lugar. Caminhou mais um pouco e viu Antônio. No início não soube o que seu amigo fazia ali, ainda de pijama, molhado, com a cabeça no colo da filha entorpecida.

Sentou-se e puxou o corpo de Antônio para si. Ficou um bom tempo embalando o homem que poderia ter sido seu, mas nunca foi. Acariciou seus cabelos, surpresa em como os fios eram grossos e encaracolados. Coube à Tercina fechar os olhos do amigo. Na verdade, coube mais que isso.

Viver na falta dele. Encarar a finitude de Antônio.

A vida seguiu. Urgente, custosa, sem graça.

Tercina e o Palacete envelheceram juntos.

Os dois fincados na Vila.

Ele transformado em ruína. Gasto, mas firme.

Ela com 87 anos. Exaurida, mas de pé.

E estava tudo tão quieto.

Todos haviam partido.

Tercina não sabia como ir. E nem para onde ir. Pegou sua pequena mala e trancou o portãozinho de ferro.

Talhada

Mariana Hetti

Não se vê mais disso hoje em dia. Madeira talhada, uma senhora porta. Artesanal? Carpintaria? Uma preciosidade. Como faz? Limpar com um paninho úmido. Um óleo e está nova? Verniz? Verniz em cada detalhe vai ser trabalhoso. Verniz? Será que estraga? Talvez óleo.

Mal sente a chave apertando na palma da sua mão. Não se pode negar a surpresa ao ver o tamanho da casa, que aparentemente fazia tempos que era sua.

— Como minha? — sua? Só em parte, mas sua.

— Seu pai... Morreu? Faz quanto tempo? Que ele morreu? — perguntou seu tio Jorge.

— Faz uns dez anos. Mas e a casa...

— Ele falou mesmo, Cida? Pra cuidar da casa?

— Claro que falou, seu Jorge! Eu te avisei pra tomar conta disso logo, mas nada.

— Não lembrava... Até a cidade? Meu irmão veio? Até aqui, em casa?

— É, aquela última vez que ele veio aqui! Veio aqui na casa, na cidade. Mas não foi na casa do tio-avô não. Porque era pra você ter ido, seu Jorge.

— Lembro pouco... Nada...

— Eu fiz um frango assado que ele gostava, e vocês ficaram conversando da herança do tio-avô... Lembra?

Que ele morreu vai saber quanto tempo?

— É, o tio-avô foi quem herdou a casa do bisavô.
— disse Jorge, formando pela primeira vez uma frase completa.

— Aí o seu irmão veio aqui na sua casa, seu Jorge, e a casa tava lá, e ele pediu “Ó, toma conta, Jorge, que eu tô longe, toma conta”. Mas nada, né, seu Jorge? Eu falei que isso ia voltar...

— Onde é essa casa? Tem chave? — perguntou Eduardo a seu tio. Mas Jorge, que seguia atônito com a informação de dez anos atrás, mal olhou. Recorreu a Cida: — Cida, tem chave?

— Tem, tá na gaveta junto com uns papéis lá do seu pai. Peraí.

Não esperou. Seguiu Cida, que foi até o escritório e começou a mexer nas gavetas de uma mesa de madeira talhada.

— Isso faz uns quinze, vinte anos. Que seu pai veio aqui. E ele falou pro seu Jorge, sobre a casa do tio-avô deles, seu... tio-bisavô que fala? Não sei. Então, seu pai falou “Jorge, essa casa aqui não vale nada, eu vou lá pra São Paulo, mas você dá um jeito nela, vende os móveis, pode vender tudo, fica pra você, esvazia tudo lá, eu não tenho condição, e depois vende a casa”. Mas o seu Jorge que nada, falou que sim e seu pai sumiu e nunca mais. Esqueceram. Tá lá a casa. Vai saber há quanto tempo que ninguém entra lá. É essa chave aqui, toma. Olha, eu tô há mais de trinta anos trabalhando nessa casa. Seu pai apareceu umas três vezes, e só. O seu Jorge não tem

direito de quebrar a palavra dele, mas faz uns bons anos que ele tá assim ó, desse jeito aí. Gagá. Então o que eu posso fazer? Eu só posso te dar a chave.

— Não tem como você ir lá comigo...?

— E deixar ele aqui desse jeito? Ele teima comigo. Não posso não.

Ao voltarem, seu Jorge estava de pé olhando uma caixinha.

— Toma, tinha esquecido. Leva isso também. — E deu ao sobrinho uma bola de gude.

A bola de gude está no bolso da calça. A chave, na mão. A porta, em frente a sua cara. Uma senhora porta. Dessas que as pessoas param para tirar foto. Ou pelo menos seria, se a madeira não estivesse desgastada, se não tivessem lascas caindo e, claro, se a cidade de fato recebesse turistas. Bom, já não se trata de “se”. Aparentemente, agora tinha mais e mais turistas. Estão reabilitando a região, dizia o documento da construtora.

— Que bom que você ligou, Eduardo. A gente demorou pra encontrar seu contato. Parece que o terreno seguia em nome do seu pai e do seu tio. Está muito deteriorada. A ideia é reabilitar o terreno. Agora que temos a estrada conectando, a cidade passa a integrar o passeio natural e cultural da região. E o terreno está em um lugar privilegiado, por isso nos esforçamos para te contatar. Te ajudaremos a lidar com as questões burocráticas envolvendo a herança, basta você falar com o seu tio e fechamos o negócio. Se tiver qualquer dúvida, estamos à disposição.

Eduardo se convocou a revisitar a cidade em que seu pai tinha nascido. Tinha visitado pouquíssimas vezes. Não valia a pena, dizia seu pai. Só vale a pena se for pra ir embora, completava dando risada. Mas isso falava isso com o pessoal de São Paulo, porque ao encontrar a escassa família que tinha povoado o vilarejo se restringia a cordialidades. Não lhe serviram de muito, já que morreu sem desfrutar dos benefícios da venda da casa e do terreno. E Eduardo agora sabia que era uma dinheirama. Se bem que talvez a dinheirama fosse coisa nova. Graças à reabilitação. E antes, valia nada.

Finalmente entra. Dá uma olhada na casa, passeia pelos corredores com cuidado. Onde toca, deixa marcas dentre a poeira. Olha suas polegadas. Intocada, pensa. Isso é uma relíquia, reflete. Há quantos anos? se pergunta. Muitos. Isso tá na família há décadas. Décadas. Repara nos móveis, madeira talhada. Sofá de couro, patas de leão. Rádio antiquíssimo, vitrola ao lado. Música com música. Estante de madeira maciça. Construção sólida. Livros de capas de couro, em oitavos, em quartos e em fólhos. Folhas um pouco carcomidas, mas bem conservadas. Filigranas. Nada como livros antigos. Um corredor, tapete persa. Luz inevitável, vinda do pátio interior, uma fonte com mosaico. Cozinha com forno à lenha, panelas de ferro e barro ainda penduradas. Banheiro, banheira, privada, bidê, detalhes em mármore branco, azulejos desenhados. Quarto principal, penteadeira de madeira maciça, espelho carcomido. Um perfume, sozinho, em cima. Armário embutidíssimo. Lençóis de seda em azul

índigo. Um livro na mesa de cabeceira. Ao lado, uma caneta Montblanc. Folheia. Diário de sua bisavó. Esqueceu isso ali? Morreu sem perceber? Deixou ali, na mesa de cabeceira de madeira talhada.

Fecha a porta de madeira talhada.

Chega a São Paulo e liga para a construtora:

— Esquece.

Vai até sua escrivaninha de MDF, acende sua luminária de plástico, pega sua caneta Bic. Folhas sulfite A4. Rasura sua herança: falta a casa do tio-bisavô.

É a chave carcomida na gaveta.

O sonho parede

Jackeline Scarpelli

Eu estava aqui há mais tempo que eles, mas ninguém parecia se interessar. Outras muito mais antigas que eu haviam sido escavadas, demolidas, destruídas, sem muito sentimentalismo. Depois diziam que éramos nós as feitas de concreto. A cidade construída por ciclopes tinha uma vista curta e estreita para a colina de prédios. No passado as horas eram medidas pela velocidade das construções, dez prédios por minuto, cem por minuto até que não restasse um pedaço de terra sem a promessa do progresso.

A promessa era um sonho.

Sonhos nascidos da mente de homens apressados. Erguer. Pavimentar. Retificar. Eles sonhavam de olhos abertos, porque não dormiam. O sono era coisa de preguiçosos. Meus irmãos foram feitos assim, sem gestação, pelas mãos de operários igualmente apressados. Por que eles amariam os prédios que os soterravam e depois cobravam aluguéis? Mas comigo foi diferente.

Ya veio muito depois. Já no tempo das ruínas. No início eles faziam muitas perguntas, depois apenas aceitaram. O mundo era outro. Primeiro vieram as doenças, em seguida os colapsos, os saques, as mortes arranha céu, mas essa gente sempre encontrava um jeito de continuar.

Eu também. Sobrevivi a cinco incêndios e aos ataques diários que me levaram tudo de valor. Ainda assim eu estava em pé, sólida. Por isso Ya olhava pra mim com assombro e identificação.

Ela veio junto com outros farrapos de gente. Já tinha recebido tantos desabrigados nesses quase três séculos que nada me impressionava. O jeito como dormiam amontoados, a forma como fugiam da realidade nas palavras e depois nas suas máquinas que agora mal funcionavam, a persistência de alguns em se lavar da sujeira nas poças que se acumulavam das chuvas, cada vez mais raras. Eu não sentia nada por eles e por que deveria?

Mas Ya era diferente. Ela tinha olhos nas mãos. A primeira vez que ela me tocou, estremei. Aquele toque me inspirava lembranças. Os meus velhos alicerces sentiram o macio poroso da pele humana. A mão entrava em meus tecidos de cimento, transformando concreto e sangue numa coisa só. Eu era vista, depois de tanto tempo. Um prazer que parecia impossível para uma velha ruína como eu. Ya se tornou meu milagre.

Ela viu o sonho que me pariu. Eu vim das entranhas de um homem, nem melhor, nem pior que outros, mas persistente. Ele sonhou tão forte cada parede, cada pilar, cada balaustrada, cada carranca protetora que injetou dentro de mim sua força. Eu fui amada e o amor é quando a gente continua o amor dos outros. Eu continuava por ele. Quando Ya invadiu minhas intimidades senti vergonha da relação proibida entre um homem e as paredes. Mas Ya nunca nos julgou.

Ao contrário, ela sorriu. Nunca tinha visto uma obra fruto do amor. Nem obras, nem seres de qualquer tipo nasciam por esse motivo em desuso. Agora era a raiva e o medo que pariam tudo. Suas criaturas eram desbotadas, condicionadas a sobreviver, sem nenhuma sobra. A beleza é um excesso. Por isso Ya escondia dos outros a beleza que suas mãos contraventoras encontravam nas escamas tinta que recobriam a minha pele.

Toda noite longe dos demais, ela vinha com seus olhos cheios de tato. Se no início eu resistia, logo fui abrindo minhas vigas. Por dentro, ela via meus órgãos, os pés que me pisaram, as mãos que me ergueram, o corpo do homem que tanto me quis e depois a frieza mineral, o fim de todos nós. Eu estava assustada e tentava me esquivar, criando cômodos secretos, mas minhas estruturas desobedeciam.

Minhas paredes transpiravam perfume. Do chão saiu uma fina camada de veludo. O gasto da tinta foi se recompondo em novas cores. Eu remoçava a olhos vistos. Os outros começaram a desconfiar. Qualquer tonalidade era uma ameaça que poderia incutir nos homens o risco de novos sonhos. Afinal, foram os sonhos dos homens apressados a razão do grande colapso. Desde então estava proibido caminhar sobre a corda bamba dos desejos.

O estrago, no entanto, estava feito. Eu sonhava com novos alicerces, o delírio da paixão me tomando e contaminando todos em volta com sua força estranha. Ya sonhava com a possibilidade da beleza que se espalharia como erva daninha no coração frio dos homens. As mãos

indo cada vez mais fundo. Até que os cômodos fechados foram se abrindo um a um. A poeira fazendo um desenho bonito sob a luz oblíqua do sol.

Numa certa manhã, todos se aglomeraram assustados em volta do rasgo na parede.

Dele brotava uma mão.

Itororó, 2067

Heitor Zen

Da janela do quarto dava para enxergar a Vila. Ela me servia de consolo, em especial durante as noites, quando eu erguia as persianas e deixava que suas luzes neon pintassem as paredes e meu rosto. As noites eram sempre mais difíceis. De dia, o enfermeiro Mateus me fazia companhia. Ou o contrário. Ele precisava seguir sua ronda incessante de visitas, quarto depois de quarto, um redemoinho de jaleco branco deslizando pelos corredores do hospital. Eu o seguia. Com licença, vim checar a medicação do paciente. Com licença, vim checar os sinais vitais do paciente. Eu só pedia licença no começo, porque era divertido imitar suas falas mecânicas. Logo me cansei.

Ele também me visitava e checava meus sinais vitais. A medicação há muito se esgotara. Eu estava morrendo, ele me assegurava todos os dias. Eu sempre ria da falta de tato dele.

Terminadas as rondas, eu me arrastava até os refeitórios. As pílulas nutritivas ainda levariam anos para estragar. Eu as consumia pela cor, tentando criar o conjunto mais vibrante possível — minha forma de homenagear a Vila lá fora. Quanto tempo até que fosse seguro sair de novo?

Mateus não sabia me informar. Não fazia parte do código-fonte dele aquele tipo de especulação. Eu observava os vultos lá de cima da minha torre de vidro e notava menos movimento a cada semana. Eles tentaram invadir o hospital, em três ocasiões. Os alarmes encheram meus ouvidos de zumbidos, tão altos que mal escutei as risadas conforme os seguranças lhes barravam a entrada.

Foi durante a terceira que conheci o Chamusca. Ele estava morando no Pronto-Socorro Pediátrico, uma ala separada da minha por um complexo de elevadores desativados e escadas que eu nunca ousava ultrapassar. Nossa curiosidade nos atraiu um ao outro, ele de um lado da calamidade que se travava entre os invasores risonhos e o Sistema de Checagem e eu mais acima, nossos olhares se cruzando sobre uma poça de sangue. Levamos alguns minutos para descobrir como nos alcançar e então ele me apresentou seu mundo.

Ali, várias placas preservadas ainda diziam “BP”, uma lembrança que tinha se apagado quase por completo na minha parte do complexo. Minha ala tinha resistido mais tempo, afinal. Após as mutações, o contágio, os saques e então, as fusões. Mas ala nenhuma tinha sobrevivido depois que a cidade ruiu.

Já nem falávamos mais seu nome: São Paulo. Soava alienígena a menção a santos numa terra despida de símbolos. O único que sobrava estava a quatro quarteirões de distância, um borrão rosa-azulado em meio a prédios pontilhados de escuridão.

O Chamusca ficou surpreso com a vista. O PS ficava

no subsolo, de onde só se ouviam as gargalhadas dos doentes que perambulavam pela rua. Me fez prometer que um dia, depois que tudo se resolvesse, iríamos juntos até lá. Poderíamos viver felizes na Vila, traríamos plantas, reabitaríamos quartos, uma comunidade de Saudáveis poderia surgir dentro daqueles muros. Prometi e silencieei sobre minha condição. O Sistema de Checagem podia me considerar Saudável; Mateus decerto discordaria. Eu não morreria preso em uma comédia histórica, mas morreria.

Dormíamos juntos e eu me evadia assim que escutava os rangidos de Mateus no corredor. Chamusca se interessou pelas análises diagnósticas do enfermeiro robótico — os modelos do PS estavam quebrados. Mateus lhe assegurou que teria alta assim que o médico responsável validasse os dados. Ele sorriu e eu menti qualquer coisa sobre aquela também ser a frase padrão que o enfermeiro me repetia há meses, mesmo sendo a primeira vez que a ouvia desde minha mudança-refúgio para dentro do hospital.

Não sabia de quanto tempo dispunha. Nem Mateus soube estimar quando o interroguei, aproveitando alguma ausência de Chamusca. Sentia que era pouco. Então assim que os vultos desapareceram por duas semanas consecutivas, sugeri o cumprimento da promessa.

Fomos de noite, deixando que as luzes nos guiassem à distância. Se algum tinha sobrado, estaria dormindo. Por precaução, Chamusca nos improvisou armas a partir de sucata hospitalar e droides desativados. Inspirei o ar

úmido como quem bebe de um oásis. Nem me lembrava do gosto do céu aberto. Pelas ruas só se ouvia o farelo distante de alguma máquina perfuradora seguindo protocolos obsoletos — tal qual Mateus, em suas rondas infinitas por quartos vazios. Nada das gargalhadas características dos infectados, por sorte.

Chamusca me guiou pela mão. Percebia minha fraqueza, reforçada pela vertigem da liberdade. Me guiou pela mão, pelos ombros, pela cintura. Me arrastou pelo nosso derradeiro passeio. Me fez prometer que voltaríamos para o hospital, que aquilo era apenas uma missão de reconhecimento. A Vila me poupou o constrangimento. Ela se abria sobre nós iluminada como um anseio e eu reuni minhas últimas forças para pular seu portão.

Chamusca me encontrou deitado ao lado da piscina, mirando estrelas apagadas pelo neon que me ofuscava os olhos. Ele se deitou ao meu lado e me deu um beijo. Eu limpei as lágrimas do seu rosto e deixei que a Vila me embalasse o sono.

Escultor de ruína

Breno Aurélio

Em resumo: para mim, todos têm o mesmo direito,
e... vive la guerre éternelle!

Dostoiévski, Crime e Castigo

Nas encostas do vale do rio Itororó, ele rabiscava em uma caderneta traços retilíneos e convexos. Observava a paisagem do ponto mais alto da Vila para enxergar todo o perímetro. Chegar até ali, subir as escadas de rochas com flores sobre o corrimão, atravessar a ponte e sentar no meio-fio da plataforma de madeira, era preciso se enveredar em acordos. Havia conversado com o Dr. Sampaio para ter acesso àquele local. Figura conhecida na região pela elegância, devoto ao progresso e excelente negociador nos ramos empresariais e políticos.

— Antônio, garoto, aprecio sua curiosidade e inteligência para todo dia subir aqui e querer saber o que acontece na cidade do futuro... Ah, São Paulo, terra cheia de oportunidades. Trabalhe bastante que você colherá os frutos, esse é o conselho que te dou.

Ele gostava quando o Dr. Sampaio fazia elogios à sua pessoa, sentia por instantes adentrar o mundo burguês.

— Bom, “dr.” Sampaio, que São Paulo é a cidade do futuro eu não duvido, mas me impressiona a falta de

mapas. Estamos crescendo, porém não sabemos exatamente para onde.

— Sempre há alguém que sabe Antônio, sempre! Você é novo para entender isso. Trabalhe muito! Antes de tudo, é necessário mérito... Quando menos esperar, estará colecionando vasos importados — falou Sampaio dando tapinhas nas costas do Antônio.

— Farei isso “dr.” Sampaio, os vasos de *art nouveau* desse lugar são os meus prediletos — respondeu Antônio com um sorriso passivo.

E assim durante semanas ele subia até o ponto mais alto da Vila, passava as mãos pelos canteiros de flores, olhava as esculturas gregas em algumas pilastras do palacete e os cortiços alugados. Depois, sentava no meio-fio da plataforma de madeira que dava visão ao horizonte do vale, fixava os olhos nos lotes para serem alocados que se estendiam entre os mares de morros, e assim começava a traçar linhas imaginárias em seu papel.

Após perceber que não havia mais linhas a serem traçadas, levantou e guardou tudo na bolsa preta esgarçada, herança de seu pai operário. Durante a descida, enquanto olhava o sol se pôr, reparou uma brisa balançando as rosas. O vento tocava seu rosto como se anunciasse o porvir. Pegou novamente a bolsa velha, observou-a, e lembrou que agora era a vez dele de exercer o ofício de trabalhador em alguma fábrica do Dr. Sampaio.

— Acho que enxergar as formas e os movimentos é uma questão de privilégios, nem todos podem ver o que acontece de cima — “refletia” enquanto ia embora.

Encostado em frente à mureta da fonte da Vila, aguardava Joaquim e Joana em horário e dia marcados. Avistou ambos vindo em sua direção.

— Vicente, meu bem! Ou eu deveria te chamar agora de Antônio? Senti saudade de ti — disse Joana abraçando-o.

— Ah, oi, Joana! Você sabe o que eu estava fazendo.... Antônio se foi, agora finalmente posso voltar a ser Vicente — respondeu sorrindo.

— Oh, meu camarada, bom te ver! Já achei que tinham te pegado, essa sua carinha de bom moço faz com que não duvidem da sua vadiagem, hein — disse Joaquim dando um soco no ombro do Vicente.

— Tenho meus momentos... — retrucou Vicente com um sorriso tímido e deslizando a mão direita sobre a pancada. — Bom, vamos lá, eu fiz um mapa... Antes era um croqui, mas acredito que agora já posso chamar de mapa.

— Ué, mas o mapa não é uma coisa que já existe? — interveio Joana.

— É claro que já existe, Joana! Mas o que eu fiz não... já que todo o mapa tem um discurso, o meu vocês irão aprender hoje. Logo depois, a planta do palacete, de que conheço cada canto. Uma fagulha e esse lugar incendeia, tenho informações precisas sobre tudo que acontece por aqui.

— Mas por que você mapeou tudo? — questionou Joaquim.

— Pois não é possível falar pra pessoa que você

engana e pretende furtar que está colhendo detalhes do lugar que ela mora. É mais fácil dizer que estou estudando o córrego Itororó, a prefeitura precisa dessas informações para expansão de avenidas. O “progresso” rende um bom capital e eles adoram falar disso.

— E o plano? Amanhã tenho que ajudar minha mãe a lavar as roupas do patrão dela, vamos direto ao ponto — interrompeu Joana.

— Bem, para começar, o velho é desses que guarda as chaves dentro de um vaso artístico e não se preocupa que peguem elas, o sobrenome impõe respeito — respondeu Vicente.

— Só Antônio para descobrir isso — disse Joaquim rindo.

A estratégia foi detalhada, Vicente já sabia como era a rotina do Dr. Sampaio e da maioria dos moradores da Vila. Havia em sua caderneta anotações de horários, locais que guardam chaves, números das casas e nome dos familiares, ocupações de cada um e características. Tudo estava encaminhado para acontecer conforme o planejado. Os três entrariam na residência do Dr. com o objetivo de roubar a papelada das informações de expropriações de alguns moradores que eram próximos de Vicente, Joaquim e Joana.

Seguiram os passos de Vicente, não havia movimentação na Vila naquele dia. Domingo os moradores iam à paróquia de Nossa Senhora Aparecida e o Dr. escondia a chave reserva dentro de um vaso enfeitado de *art nouveau* próximo à entrada da sua casa, conforme

anotações do Vicente.

Abriram a porta e entraram no cômodo.

— A papelada tá no escritório! Ele sempre fala que fica o dia inteiro assinando despachos. Imagino que o português deva ter deixado esse de fácil acesso, há urgência de resolver isso por causa dos interesses imobiliários na região. Vão lá pegar, fica no corredor à esquerda.

Joaquim e Joana foram apressados para o escritório.

Vicente ficou na sala principal observando a coluna antropomorfa que remetia a Atlas. Os olhos daquela escultura sustentando o palacete o encaravam.

— É, alguém precisa sustentar as formas... estou tão cansado disso... — pensou.

Retirou da bolsa velha de seu pai um galão de gasolina e começou a jogar por todos os lugares do recinto e das mobílias. Joaquim e Joana retornaram do escritório com os papéis.

— Que merda é essa, Vicente? — protestou Joana.

— Você tá ficando louco? Para com essa porra, Vicente! — gritou Joaquim.

— Sim, deve ser isso, preciso apagar Antônio do mapa — respondeu enquanto observava suas mãos.

Um fósforo foi riscado e atirado ao chão.

“Não há mais em mim pena ou receio do que virá, aceito as consequências de meu ato. Inflamo aqui da mesma forma que queimaram décadas da vida da minha família, pois há veias abertas que percorrem esta cidade

através dos córregos. Aqui, junto às minhas cinzas, farei de mim as ruínas de um novo tempo”, foram seus últimos pensamentos antes do grande incêndio.

Sua ruína

Antônio Alvarenga

Você para na calçada oposta à da casa velha e procura mudanças em sua fachada. Não as encontra. Nenhuma telha caiu desde a última visita, tampouco rachaduras novas que pudessem ser vistas a essa distância. O mato parece não ficar mais alto, e as cores, manchas, mofos, se cansaram de trocar de lugar. Tudo muda, menos ela. Permanecidamente. Você acredita que toda deterioração alcança um estado limite, tal como a imagem de sua avó no caixão.

Crianças brincam na calçada desfeita sobre a qual você nunca pisou. Blocos de pedra soltos e um matagal seco mais alto que a mureta – a sobra dela.

Sua avó dizia ter conhecido os primeiros moradores da casa em ruínas. Vieram de longas estradas e compraram-na recém-pintada, de seu então dono, pouco depois falecido de tristeza. Duas ou três gerações viveram ali, até ninguém mais viver.

Você teme que ela seja restaurada ou derrubada, a fim de erigir algo novo. Se ela deixar de existir, parte de seu mundo a seguirá.

Tentam compreender sua quietude e você diz não saber, sabendo de tudo de si jogado sobre a mureta da casa velha, entre as grades do portão, sem nunca se aproximar.

É curioso como todas as suas rotas passam por ali, mesmo na chuva, quando você sente pena do mato curvado, da casa encharcada.

Você nunca entra pois imagina quanto se guarda ali. Alguém joga fora uma pulseira desgastada e outro a cata, guardando-a como um tesouro; ou por conveniência. A maioria nem vê os objetos que carrega.

Sem ter se cansado da contemplação, mas movido pela necessidade, você deixa a casa para trás, e um pouco de si.

Depois deste dia, três semanas ficaram no passado sem que a vida, com seu tato cego, te permitisse vê-la de novo.

Mas todo suplício deve ter um fim...

Lá está você diante dela, quase esquecido da última imagem-memória aprisionada em seu crânio. Do primeiro coágulo de luz que alcança seus olhos: espanto. Em uma das janelas frontais, só o vão. Teriam roubado a esquadria? Pela primeira vez, você a vê violada. Sua casa em ruínas.

Sem tomar senso de si, você está na calçada-que-não-é-mais. Matos alisarranham a pele inferior de suas pernas. O rugido do metal metamorfoseado em ferrugem lhe desperta. Você no entre. A ponta de um pé dentro, o outro fora. Qual dos dois sua vontade serve?

Você entra.

Não há caminho definido entre matos e pedras. Você decide ao acaso onde pisar, pois toda vereda foi antes

um descaminho. Serpenteando chega à porta lateral, após verificar que a da frente, metálica, havia se fundido ao umbral feito do mesmo elemento. Madeira desbotada se desfazendo em lascas; o trinco de ferro só servia como ornamento. Ao empurrar a porta o ferrolho se esfarela. Se roubaram a janela, por onde? Você anda como se esperasse ser repreendido pelos donos da casa. Por dentro, a decadência é menos severa, mas só notaria quem se importasse em contar cicatrizes. Tintura estufada, mofos de tantas cores, veias nas paredes, algumas tão largas que se enxergava através. Este cômodo deve ter sido a cozinha conjugada à sala de jantar. Apenas um vão o separa do ambiente frontal da casa, uma sala de estar, talvez. Você atravessa. Lá está a esquadria, caída para dentro. Cacos de vidro coroam a armação de metal. Você vasculha o ambiente tentando entender como a janela caiu. Procura na pele das paredes inscrições de sua história, mas só encontra a poeira no maço de luz que entra pelo vazio.

Quem a violentou?

Ela...

O piso se enche com sua resposta.

Ela lançou o olho em suas entranhas e se despedaçou. Só é possível restituir o vidro a seu estado original com o fogo. E ela, em chamas, retornaria?

Você. A casa em ruínas. Dentro.

Vimos do feto

maria luiza t. guimarães

ruínas
restos de esmalte velho no pé
quando foi que eu deixei de amar?
eu tenho sede.
falar de mim é falar por mim.
o prazer como disciplina.

carcaça
rija estanque
fortaleza

forma esvaziada de alma
tirar o esmalte acender uma vela deixar correr a água

há um portal que visito apenas _____

as costas não são tijolos
receber o aroma do cedro
a vida também é para ser assistida.

viemos do feto.

abril 23

SOBRE OS AUTORES

André Tourinho é 65% de oxigênio, 18% de carbono, 10,2% de hidrogênio e 100% de aflições para cada anseio. Essa fórmula instável, nascida em Salvador, é graduanda de Publicidade e Propaganda na UFRJ, contando com publicações em coletâneas da PUC-SP, Católica do Salvador, Rede Sem Fronteiras, etc. Estreou com o livro de poemas “Doce Caos”.

Antônio Alvarenga sonha acordado e acorda sonhando. Engenheiro civil por escolha (que até hoje tenta compreender), escritor por necessidade. Em 2021 deu uma rasteira no medo e fez seu primeiro curso de escrita com Anita Deak, desde então não cessa de perseguir a literatura, afinal, um vírus ou uma guerra podem acabar com tudo a qualquer momento, e ninguém consegue provar que há reencarnação, certo?

Carol Sanches “Persiste quando quer algo, não abandona seu ponto de vista facilmente. Na maioria das vezes, não atende às instruções de imediato; procura, antes, fazer o que quer. Dificilmente aceita opinião. Demonstra criatividade ao narrar os fatos”. (relatório escolar de Carol Sanches aos 4 anos — Jardim I - 1985)

Breno Aurélio cresceu na Zona Leste de São Paulo, acha que rolê romântico é subir uma montanha e sempre carrega um livro na mochila. Professor de Geografia, trabalha na administração do Centro Cultural Tendal da Lapa e é membro do grupo de pesquisa Bio.Geo.Lab.IFSP. Quando leu Raymond Chandler pela primeira vez, tentou riscar um fósforo no dedão igual ao personagem Philip Marlowe. Suas leituras prediletas são sobre expedições científicas.

Douglas Scaramussa está à deriva. Inquieto na tentativa de se desapegar das certezas, descobriu recentemente que muito de si ainda é pouco conhecido. Ensaia a vida em chãos de escolas, percorre geografias vernaculares, brinca de ser artista e inventa palavras que lhe possam servir de guia.

Giovanna Vadô anda de mãos dadas com a palavra desde criança. Quando começou a escrever diários, que eram trancados com chaves de alumínio, passou a guardar as palavras dentro de baús nos muitos cadernos que preenchia com a angústia de perceber o tempo percorrendo as linhas. Nascida e criada no Vale do Paraíba, tem nos olhos do horizonte as utopias, os sonhos e a Serra da Mantiqueira.

Guta Chaves é caipira cosmopolita, Guta Chaves é nascida no Paraná, de família mineira, paulistana por permanência. Escritora de não-ficção – seu livro “Expedição Brasil Gastronômico” ganhou o Prêmio Jabuti –, tem o mundo da ficção como sua mais nova aventura literária. Se fosse um corpo celeste, seria uma das Três Marias.

Heitor Zen é gaymer, kpopper e babá de rottweiler. Publicou contos em revistas e antologias de ficção especulativa. Adora escrever sobre círculos, e não, não é nada zen.

Herta Pidner é aluna há 76 anos e foi professora de Antropologia e Sociologia entre 1978 e 2009. Ensinou com paixão e continua aprendendo com humildade. Em livros, cursos e conferências e especialmente com os “deserdados da terra”. Gosta de árvores, flores e pássaros. Só que não sabe cuidar deles. Adora cantar e contar causos. Dos sete pecados capitais, os mais acessados ultimamente são a gula, o orgulho e a preguiça. Aposentada, passou a frequentar oficinas de escrita e cometeu alguns poemas, crônicas e contos. Quase todos engavetados.

Ingrid Borba tem os livros como companhia, fuga e acúmulo. Após 36 anos sendo boa com números, cedeu a vez às palavras. Ri e chora com o que escreve e não é muito diferente na vida. Acha injusto faltar neste curto espaço a frase dos seus dias: “Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida, já é a própria vida?”. É sempre um esboço.

Jackeline Scarpelli é roteirista, realizadora audiovisual e criadora de podcasts. Na vida passada, advogada e servidora pública. Sempre que possível nômade. O pouco que sabe aprendeu remando corredeiras nos rios do Mato Grosso. Não tem certeza de nada, mas segue remando a vida.

Julia Aranha formada em Artes Cênicas e Comunicação Social, Julia é escritora, redatora e faz das palavras a sua principal ocupação. Cresceu no interior de Minas, sem televisão, mas com muitos livros. Em 2021 publicou a coletânea Casa: coisas encontradas dentro, com outras 22 escritoras. Escreve quinzenalmente na Confraria dos Trouxas.

Leticia Ávila é nordestina amante do sol e criada na cidade cinza, Leticia Ávila se desnuda na escrita e usa o poder das palavras para contar histórias que não tem tempo de vivê-las.

Lia Petrelli é artista visual, psicanalista e poeta, Lia escreve pelas mãos. É a anti-penélope que tece viajando por águas profundas. O fio que rasga o tecido, que rasga a pele. O emaranhado entre visível e invisível. Que ata histórias e que também arrebenta, porque a vida muitas vezes transborda. (por Juliana Pautilla)

Mariana Hetti desde sempre perdida quando deve se descrever, Mariana acha bizarro referir-se a si mesma em terceira pessoa. Estuda as letras hispanas do século XVIII. Paulistana e cada vez mais madrilenha. Se acha muito mais leitora do que escritora, mas não deixa de rabiscar. O que escreve, junta em uma pasta chamada “Pseudolivro”.

Maria Célia é mineira, apesar de ter deixado a terrinha há muito tempo. Queria ser médica, mas acabou se tornando publicitária e atualmente bancária. Teimosa, agora cismou que é escritora.

Fátima Salomé é carioca de nascimento, paulistana por adoção, riopretense por escolha. Mãe da Nathalie, da Tessie, do Gabriel e de uns dez gatos. Artista Plástica, professora, estuda Letras no IBILCE-UNESP, música, cores, idiomas, mundos e o caos.

Nas horas cheias, **Maria Caram** escreve textos, ouve música, faz podcasts, cuida de plantas, assa brownies, mima gatos e publica zines. Colocou cordas num violão que ainda não se deixa tocar. Teimosamente, faz músicas e solta por aí. Seu sonho é tocar theremin.

Malu Teodoro pesquisa caminhos: nascida e criada em rondônia, viveu por são paulo, méxico, belém e lisboa, e hoje se encontra no sertão da farinha podre/mg, criando filha, planta, peixe, gato, minhoca & levain. formou-se em multimeios, dedica-se a projetos culturais, fotografia, audiovisual, performance, livros, cadernos, etc.

Pablo Kaschner é dono de humor peculiar, gosta de brincar com a língua e “nem sempre situa-se no tempo e no espaço, confundindo o vocabulário, como: antes, depois, agora, ao lado, atrás, em cima e em baixo”. Palavras da professora do Jardim I, que já antevia a personificação do caos na qual se tornou. Ele assina embaixo, sem remorsos.

Scyomara Petrelli é imaginativa e visual, uma frase consegue tocar sua criatividade e vai se transformando em personagens, paisagens e situações cotidianas capazes de transportar o leitor a qualquer momento muito particular já vivido. Tradutora e intérprete de formação, contadora de história por vocação e coração.

Sobre o Coletivo Escrivantina

Torsos através de telas com imagens transmitidas por fibra óptica, fomos nos assustando com nossas alturas. Não nos dávamos conta de que nosso cérebro inconscientemente completava o resto do corpo de cada um dos integrantes da virtual nona edição do **CLIFE**, Curso Livre de Preparação de Escritores da Casa das Rosas. Só percebemos quando pessoalmente nos surpreendemos com a materialidade do corpo dos nossos colegas. E mesmo sem corpo íntegro, já éramos o Coletivo Escrivantina.

Coletivo Escrivantina – a ironia de um nome tão concreto –, reunião dessas dezenas de pessoas que se lançam na literatura. Que a partir do fortuito e processual encontro já escreveu o livro ***Itinerários para o Caos, Lava sob a neve*** e agora apresenta ***Se uma casa tombar no meio da cidade***. Provando que a materialidade dos laços se faz também através da virtualidade e que palavras se juntam para formar páginas. Como se uma coisa tivesse a ver com a outra.

nos siga para saber mais sobre o trabalho

@coletivoescrivantina

